

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
BACHARELADO EM TEOLOGIA

PADRE JOSÉ POSSIDONIO DO NASCIMENTO

**A MISSIONARIEDADE DA IGREJA SEGUNDO A CARTA  
ENCÍCLICA REDEMPTORIS MISSIO DE JOÃO PAULO II**

ANÁPOLIS - GO

2022

PADRE JOSÉ POSSIDONIO DO NASCIMENTO

A MISSIONARIEDADE DA IGREJA SEGUNDO A CARTA  
ENCÍCLICA REDEMPTORIS MISSIO DE JOÃO PAULO II

A Missionariedade Da Igreja Segundo A  
Carta Encíclica Redemptoris Missio De João  
Paulo II Anápolis - GO 2022

Orientador: Prof. Dr Padre Carlito Bernar-  
des

ANÁPOLIS - GO

2022

PADRE JOSÉ POSSIDONIO DO NASCIMENTO

**A MISSIONARIEDADE DA IGREJA SEGUNDO A CARTA  
ENCÍCLICA REDEMPTORIS MISSIO DE JOÃO PAULO II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do prof. Dr. Padre Carlito Bernardes, com nota avaliativa.

APROVADA EM:

---

**Prof. Dr Padre Carlito Bernardes**  
Orientador

---

**Nome do Professor Avaliador**  
Convidado

ANÁPOLIS - GO  
2022

*“Dedico este trabalho à minha família, especialmente a minha Mãe por ser uma bênção de Deus na minha vida. Também, à comunidade Obra de Maria a qual eu pertenço, onde pude experimentar uma vida mais missionária e cristã )*

# Agradecimentos

Agradeço a Deus por sua imensa graça em minha vida, que por meio de seu amor trinitário me deu a graça da perseverança no chamado. Ao meu fundador, Gilberto Gomes, e co-fundadora, Maria Salomé, juntamente com o conselho apostou em minha vocação.

A meus irmãos de comunidade que contribuí e abrilhantam o meu chamado, e em especial ao Diác. Rafael Dionísio que em momentos difíceis de minha vida, me ajudou a ter os olhos fixos em Jesus, e contribuiu neste trabalho.

Ao Pe. Diniz que transmite alegria e entusiasmo que vem de Deus que tanto me ajuda na caminhada. A meus amigos Ana Paula e Marcos Rodrigo, que estiveram sempre disponível, contribuindo de forma peculiar para este presente trabalho. Ao meu orientador Pe. Carlos Bernardes, que não poupou esforços e capacidades para me ajudar.

*“O chamamento à missão deriva por sua natureza da vocação à santidade. Todo o missionário só o é autenticamente, se empenhar no caminho da santidade” (RM, n. 90).*

)

# Lista de abreviaturas e siglas

AA	Apostolicam Actuositatem
AG	Ad Gentes
CD	Christus Dominus
CDSI	Compêndio da Doutrina social da Igreja
CIC	Catecismo da Igreja Católica
DA	Documento de Aparecida
DGAE	Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil
DP	Documento de Puebla
EMP	Evangelização e Missão profética da Igreja
GS	Gaudium et Spes
LG	Lumen Gentium
RM	Redemptoris Missio

# Sumário

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>A TRINDADE COMO FONTE DA VIDA MISSIONÁRIA</b>	<b>10</b>
2.1	FUNDAMENTO TRINITÁRIO DA MISSÃO	11
2.2	O PAI ORIGEM DA MISSÃO	13
2.3	FILHO – ENVIADO DO PAI	13
2.4	ESPÍRITO SANTO - PROTAGONISTA DA MISSÃO	15
2.5	A MISTICA TRINITÁRIA NA MISSÃO	17
<b>3</b>	<b>A IGREJA PERPETUADORA DA MISSÃO</b>	<b>19</b>
3.1	BATISMO UM CHAMADO A MISSÃO: KERIGMA, KOINONIA E DI- ACONIA	19
3.1.1	Amor de Deus que é Pai	21
3.1.2	Pecado	22
3.1.3	Salvação em Jesus	23
3.1.4	Fé e conversão	24
3.1.5	Espírito Santo	25
3.1.6	Comunidade	25
3.1.7	Diaconia	28
3.2	INCULTURAÇÃO E DIALOGO	29
3.2.1	Cultura dos Povos	29
3.2.2	Diálogo com os Irmãos de outras Religiões	32
3.2.3	Diálogo com Inter - Eclesial	33
<b>4</b>	<b>AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICA DO DISCIPULO MISSIONÁRIO DE JESUS CRISTO</b>	<b>38</b>
4.1	VIDA ORANTE: ESCUTA DA PALAVRA QUE CONDUZ AO MESTRE	45
4.2	PASTOREIO: ESPIRITUALIDADE EVANGELIZADORA	48
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>51</b>



# 1 INTRODUÇÃO

Toda a atividade da Igreja é manifestação de um amor que procura o bem integral do ser humano. Por natureza própria a Igreja é missionária e no amor fontal da Santíssima Trindade demonstra de forma visível esse amor por meio das missões divinas (cf. AG, n. 2).

A partir do concílio Vaticano II a Igreja está mais aberta a missionariedade, assim como o exemplo de Paulo e impelidos pelo mandato missionário de Jesus, devemos anunciar o evangelho a todas as criaturas. Essa missão é de todos: clérigos, leigos e religiosos, eis um apelo permanente a missão em todos os lugares da Igreja de Jesus Cristo.

Os povos anseiam a plenitude da vida que Cristo nos trouxe: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenha em abundância” (Jo 10,10). Diante dessa promessa Jesus anseia de cada um de nós, é a busca pela vida eterna e que passe por sofrimentos e não somente por fabulosas e errôneas promessas de prosperidade, como apontam por alguns movimentos neo-pentecostais. Assim a urgência de uma missionariedade católica que atinja o homem em sua totalidade, que são: pessoal, familiar, social, cultural e espiritual.

A missão é a razão de ser da Igreja e começa no coração da Santíssima Trindade. Nosso Deus é Uno e Trino. É um Deus Amor, Criador e Santificador. A Trindade é essencialmente missionária, por amor Deus envia o seu Filho para nos salvar (cf. I Jo 4, 14), e o Espírito Santo o condutor da ação evangelizadora da Igreja assim como em pentecostes (cf. At, 2,1-13).

O amor e o poder de Deus são manifestados na criação, mas a plenitude da revelação se realiza na Encarnação do Verbo. “Deus amou tanto o mundo que enviou seu Filho e quem nEle crê terá a vida eterna” (Jo 13,16). Jesus (Redentor e Salvador) é o missionário da Trindade. Depois o Espírito Santo (o protagonista da missão) ungiu a Igreja para a Missão. A Missão é do Filho, é do Espírito Santo e é conseqüentemente a Igreja perpetuadora de tal missão. Por isso ela nos foi confiada por Jesus, que fala através dos textos do Evangelho e conclui com o mandato missionário: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). E assim “como o Pai me enviou, assim também eu vos envio a vós” (Jo 20, 21). E nos dá uma garantia: “Eu estarei convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28, 20).

Atendendo o apelo de Cristo, somos movidos a levar o evangelho a toda criatura, sendo sinais do sagrado, portadores da Boa Nova e esperança de um mundo melhor e mais humano. A realidade que nos interpela e anseia sobre a validade permanente do mandato missionário, por batizados conscientes de seu papel para a missão. Evangelizar é uma ação da própria Igreja, e é sua mais profunda identidade que a mesma possui.

Em nossa atualidade necessitamos de uma nova evangelização, e que ela venha abranger: os batizados e os não batizados, pois o grande número de batizados que deixam de frequentar a Igreja logo após receber o batismo é elevado. A nova evangelização que é o apelo da *Redemptoris Missio* é a validade imutável do encargo evangelizador. Assim somos convocados a renovar o nosso batismo e ser anunciadores do kerigma, que leva a uma koinonia (a exemplo da Trindade), e posteriormente a diaconia, o serviço ao próximo, como as primeiras comunidades. Assim discípulos, homens e mulheres da palavra, portadores da Boa Nova, estejam sempre de prontidão, fortalecidos por um processo seguro de formação e por meio da Eucaristia, sejam capazes de ser fermento para que o mundo seja mais humano e cristão.

O verdadeiro missionário é discípulo de Jesus, por isso deve ter o mesmo sentimento de Cristo. Com a vida orante tem uma espiritualidade e sintonia com o Mestre para responder os desafios e a encontrar-se consigo mesmo. Nessa abertura de alma o discípulo missionário deixa-se conduzir pelo Espírito Santo. As suas principais características devem ser visível a todos, pois quem faz uma experiência com o ressuscitado é uma nova criatura. Criado, chamado e preparado para anunciar ao mundo que Jesus é o Salvador!

## 2 A TRINDADE COMO FONTE DA VIDA MISSIONÁRIA

A realidade que nos interpela necessita de uma ação missionária, que leva ao amor, dedicação esse que emana de uma experiência real do amor de Deus dando ao discípulo a disponibilidade para dar testemunho sendo “sol e luz do mundo” (Cf. Mt 5,14-16). A missão que tem seu fundamento na Trindade. Deus tem um rosto e Jesus o chama de Pai (Cf. Mt 11,25-27), um Ser pessoal que fala e age, e intervém no meio do povo.

O Rosto de Deus, progressivamente revelado na história da salvação, resplandece plenamente no Rosto de Jesus Cristo Crucificado e Ressuscitado. Deus é Trindade: Pai, Filho, Espírito Santo, realmente distintos e realmente um, porque comunhão infinita de amor. O amor gratuito de Deus pela humanidade se revela, antes de tudo, como o amor fontal do Pai, de quem tudo provém; como comunicação gratuita que o Filho faz d’Ele, entregando-se ao Pai e doando-se aos homens; como fecundidade sempre nova do amor divino que o Espírito Santo derrama no coração dos homens [...] (CDSI, n. 31).

O amor Trinitário é, portanto, fonte da missionariedade do discipulado, sendo testemunha de tal beleza que é a inclinação e missão da Santíssima Trindade (Cf. I Jo 4, 16; Jo 15, 26). O Pai e o Filho se amam, e pela fecundidade desse amor recíproco e eterno, o Espírito é o exalar do Amor que os envolve em uma comunhão perfeita (Cf. Ef 1,4; Tes 2,13). A Trindade é comunhão, doação gratuita, abrindo-se à generosidade e cumulando de bens e bênçãos todas as criaturas. Em Deus, Pai, Filho, e Espírito Santo, intimidade e processão<sup>1</sup>. infinitamente fecunda, o absoluto da perfeição de Deus se comunica e se dá na pericorese<sup>2</sup> que constituem as pessoas divinas (Cf. Jo 14,16; 15,26).

<sup>1</sup> Processão: é a derivação de uma Pessoa partindo da outra, mas consubstancialmente, na unidade de uma mesma e única natureza, substância, essência ou divindade. Por procesão (processio, emanatio em latim ou ekpóreusis ou probolé em grego) se designa a origem de uma Pessoa na outra. Assim existem no mistério trinitário duas processões: aquela do Filho e aquela do Espírito Santo. O Pai gera desde toda a eternidade o Filho e junto com o (através do) Filho dá origem ao Espírito Santo. (Boff, a Trindade e a sociedade.1986, p. 117;290).

<sup>2</sup> Pericorese: expressão grega que literalmente significa uma pessoa conter as outras duas ( em sentido estático) ou então cada uma das Pessoas interpenetrar as outras e reciprocamente ( sentido ativo); o adjetivo pericorético quer designar o caráter de comunhão que vigora entre as divinas Pessoas. Essa expressão de forma latim seria circuminessão ou circuminsessão. Como a filologia dos termos surgere, significa: a coabitação, coexistência e a compreenetação das Pessoas divinas entre si. Há uma circulação total da vida e uma co-igualdade perfeita entre as Pessoas, sem qualquer anterioridade, ou superioridade de uma à outra. (Boff, a Trindade e a sociedade.1986, p. 121;290).

## 2.1 FUNDAMENTO TRINITÁRIO DA MISSÃO

O estudo da Missão que se reflete na Sagrada Escritura especificamente no Novo Testamento, e se faz presente de forma intensa no quarto Evangelho, para expressar como o amor de Deus se estende para alcançar todo o universo criado, especialmente à natureza do gênero humano.

A missão da Igreja tem sido entendida em sua dimensão de preferência antropológica: salvar o homem, compreendendo esta salvação em sentido predominantemente negativo: “para que o homem não se condene”. E não tem sido frequente partir da Santíssima Trindade como fonte de toda missão.

No quarto Evangelho, Jesus se refere com reverência ao “Pai que me envio” (cf Jo 5,17; 6,44). Jesus também fala da segunda missão, interconectada ao envio do Paráclito cuja missão seria continuar e aperfeiçoar a obra começada por Jesus Cristo. Portanto a missão está essencialmente ligada ao mistério Trinitário.

O concílio Vaticano II pretendeu renovar a vida e a atividade da Igreja, de acordo com as necessidades do mundo contemporâneo: assim sublinhou o seu caráter missionário, fundamentando-o, dinamicamente, na própria missão trinitária. O impulso missionário pertence à natureza íntima da vida cristã, e inspira também o ecumenismo: “que todos sejam um (...) para que o mundo creia que tu me enviaste (Cf. Jo 17,21) (RM 1b).

O fundamento missionário da Igreja é a missão trinitária de onde parte, ou seja, o alicerce de toda e qualquer missão do povo de Deus. A encarnação é considerada iniciativa de Deus Pai. E Ele que na plenitude dos tempos tem a decisão de enviar seu Filho para nos salvar. Mas o faz movido e esteado pelo Espírito Santo.

Maria, é por sua vez apresentada neste mistério da encarnação, aquela em quem, por primeiro, o Espírito Santo habita como num templo, para levar a plenitude a obediência desta mulher, singular à Palavra de Deus, na geração da carne do Verbo do Pai. Desta forma a geração da humanidade do Filho unigênito do Pai no ventre puríssimo da virgem Maria se manifesta na fecundidade do Espírito Santo. Assim a encarnação do Verbo é também uma ação trinitária.

Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que concederás no teu seio e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo. [...] O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus (Lc 1, 30-32. 35).

A consciência da presença do Pai e do Espírito Santo em situações cruciais da vida de Jesus, exprime uma experiência profundamente arraigada no seio das comunidades cristãs, que deram origem aos atuais evangelhos: a singularidade da vida de Jesus e a

peculiaridade de sua missão só podem ser compreendidas à luz do mistério de Deus-comunhão que se revela na pericorese do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, por que ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, por que assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mt 11, 25-27).

Na sagrada Escritura Jesus aparece como enviado do Pai, que os homens devem receber para salva-se (cf. Jo 5,22-24.36-37). Fala de igual forma do Espírito Santo, que o Pai enviará (cf. Jo 14,26; Gl4, 6), e também Ele próprio diz à Igreja (At 1,33;Jo 15,26;16,7).

Tendo insigne a obra do que o Pai confiara ao Filho para que ele a realizasse na terra (cf. Jo 17,4), no dia de pentecostes foi enviado o Espírito Santo para santificar continuamente a Igreja e assim dar ao crente acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cf. Ef 2,18).

Aquele que o Pai enviou aos nossos corações, o Espírito do seu Filho, é realmente Deus. Consubstancial ao Pai e ao Filho é d'Eles inseparável, tanto na vida íntima da Trindade como no seu dom de amor pelo mundo. Mas ao adorar a Santíssima Trindade, vivificante, consubstancial e indivisível, a fé da Igreja professa também a distinção das Pessoas. Quando o Pai envia o seu Verbo, envia sempre o seu Espírito: missão conjunta na qual o Filho e o Espírito Santo são distintos, mas inseparáveis. Sem dúvida, é Cristo quem aparece, Ele que é a Imagem visível de Deus invisível; mas é o Espírito Santo quem O revela (CIC, n. 689).

O envio do Filho por parte do Pai, e o envio do Espírito Santo por parte do Pai e do Filho implicam a autodoação do Filho e do espírito Santo como tais, e, neles e com eles, a autodoação do Pai em sua condição de Pai de todos os homens. Como fonte da origem de toda missão, o Pai, que enviou seu Filho ao mundo. O Filho envia a Igreja para continuar sua obra. Evoca-se o mandamento missionário de Mt (28,18-20). Afirma-se da mesma forma a missão do Espírito Santo que acompanha a assiste a Igreja em sua tarefa evangelizadora.

A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo. Este desígnio brota do amor fontal, isto é, da caridade de Deus Pai, que, sendo o Princípio sem Princípio de quem é gerado o Filho e de quem procede o Espírito Santo pelo Filho, quis derramar e não cessa de derramar ainda a bondade divina, criando-nos livremente pela sua extraordinária e misericordiosa benignidade, e depois chamando-nos gratuitamente a partilhar da sua própria vida e glória. Quis ser, assim, não só criador de todas as coisas, mas também tudo em todas as coisas (1 Cor. 15,28), conseguindo simultaneamente a sua glória e a nossa felicidade [...] (AG, n. 2).

## 2.2 O PAI ORIGEM DA MISSÃO

O evangelista São João afirma “Deus é amor” (I Jo 4,8.16), Deus sendo amor é privado de toda solidão, uma vez que o amor é sinônimo de relação. Quando afirmamos que “Deus é amor” simultaneamente que Ele é Relação de amor. Por este motivo Deus se autorevala por amor gratuito a criatura. O amor de Deus, que é um amor-trinitário é chamado “amor frontal” (AG, n. 2b). Deste amor procede o Filho, que é gerado pelo Pai, e também o Espírito Santo. Assim um para com o outro é relação de amor, como afirma São João “antes da criação do mundo” (Jo 17,24). “O eterno Pai, por decisão inteiramente livre e insondável da sua bondade e sabedoria, criou o universo, decretou elevar os homens à participação da sua vida divina [...] (LG 2). Não pode existir uma relação por si mesmo, ela acontece quando há ligação ou referência que existe entre diversos seres. O Pai, Filho e Espírito Santo estão um para o outro, como puras realidades de relação, que se estende por graça para a humanidade como gratuidade e auto-revelação tirando do homem o peso do pecado original. Portanto o amor de Deus tem interação direta, como um plano de Salvação.

A missão do Pai se manifesta por meio da processão e comunicação do Verbo que se fez carne (Cf. Jo 1,1s) na pessoa de Jesus, e se estende na história por meio do Espírito Santo. No plano de Deus todas as coisas provêm do Pai, por meio do Filho e devem ser reconduzidas ao Pai por meio do Filho (Cf. ICor 15, 22- 28). Também podemos notar que há um auto esvaziamento do Pai, onde o amor Trinitário, o Filho remete o próprio ser e a própria natureza ao Pai como sua origem (Cf. Jo 10,17s)

O Pai tem como missão estar no mundo, por meio da procedência do Filho e do Espírito Santo. Não podemos afirmar a possibilidade de um parcelamento de Deus, pois nas pessoas divinas estar sempre o Deus Uno e Trino, inteira presença. Portanto, Deus não envia partes de si mesmo. De fato, a missão do Pai consiste em um referencial da presença incondicional de Deus em meio aos homens.

## 2.3 FILHO – ENVIADO DO PAI

A manifestação da missão de Jesus faz referência ao significado de seu nome, “que hebraico quer dizer Deus salva” (CIC, n. 430). Aquele que é ungido pelo Pai e o Espírito Santo é a unção (CIC 438). O prólogo de São João nos impressiona, com o poder de síntese que nos propõe. O Verbo é a palavra substancial e eterna do Pai, que constitui a segunda pessoa da Santíssima Trindade (Cf. Jo 1,1-5.14). Temos aqui uma autocomunicação, pois ninguém viu o Pai, mas Ele se comunica por meio do Verbo encarnado. O Filho é enviado pelo Pai, mostrando assim gratuidade o rosto para nos dá a graça da participação da

natureza divina<sup>3</sup>.

Veio, pois o Filho, enviado pelo Pai, que n'Ele nos elegeu antes de criar o mundo, e nos predestinou para sermos seus filhos de adoção, porque lhe aprouve reunir n'Ele todas as coisas (cf. Ef. 1, 4-5. 10). Por isso, Cristo, a fim de cumprir a vontade do Pai, deu começo na terra ao Reino dos Céus e revelou-nos o seu mistério, realizando, com a própria obediência, a redenção. A Igreja, ou seja, o Reino de Cristo já presente em mistério, cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus. Tal começo e crescimento exprimem-nos o sangue e a água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado (cfr. Jo. 19,34), e preanunciam-nos as palavras do Senhor acerca da Sua morte na cruz: "Quando Eu for elevado acima da terra, atrairei todos a mim" (Jo. 12,32 gr.). Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual "Cristo, nossa Páscoa, foi imolado" (1 Cor. 5,7), realiza-se também a obra da nossa redenção. Pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cfr. 1 Cor. 10,17). Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual vimos, por quem vivemos, e para o qual caminhamos (LG, n. 3).

O Reino de Deus era o tema primordial da pregação de Jesus, desta forma é nos acontecimentos de sua vinda e missão que o Reino de Deus começa a surgir e se fazer presente e atuante em nosso meio. Ele não só era mensageiro deste Reino, mas também instrumento (Cf. Mt 6,10; Lc 11,2) de salvação. "A salvação consiste em crer e acolher o mistério do Pai e de seu amor, que se manifesta e oferece em Jesus, por meio do Espírito. Assim se cumpre o Reino de Deus [...] (RM, n. 12a). Também os milagres acompanharam a missão do Filho. Milagres esses que eram de cura (Cf. Lc 18, 35-43) e os exorcismos (Cf. Lc 8, 26-33) e também a ressurreição dos mortos (Cf. Jo 11, 1-44). Assim mostra que Jesus tem autoridade e poder sobre a morte e o pecado, e a ressurreição e a vida. Por meio dos sinais o Filho expressa a ação trinitária do amor para com os homens. O Filho, deixa claro que o Reino de Deus é o domínio de Deus sobre os homens. Dessa forma o Filho em sua ação missionária caracteriza as relações humanas em: liberdade, fraternidade, paz e justiça. Denunciando tudo que nesta época era contraditório a tais valores.

Jesus de Nazaré levou o plano de Deus ao seu pleno cumprimento. Depois de ter recebido o Espírito Santo no batismo, Ele manifesta a sua vocação messiânica nestes moldes: percorre a Galiléia, "pregando a Boa Nova de Deus: Completou-se o tempo, o Reino de Deus está perto! Arrependei-vos, e acreditai na Boa Nova" (Mc 1, 14-15; cf. Mt 4, 17; Lc 4, 43). A proclamação e a instauração do Reino de Deus são o objetivo da Sua missão: "pois foi para isso que fui enviado" (Lc 4, 43). Mais ainda: o próprio Jesus é a "Boa Nova", como afirma logo no início da missão, na

<sup>3</sup> Natureza (natura, do latim nasci, nascer; physis do grego phyomai, nascer) designa esta mesma substância na medida em que ela constitui um princípio que origina algo, um princípio de atividade. Assim podemos representar a natureza divina com tal exuberância de vida interna, de inteligência e de amor que ela se diferencia e se concretiza em três modos reais (não só para nós) que são as três Pessoas; ou também esta mesma natureza personalizada de três maneiras distintas age para fora do trinitário e cria o universo dos seres como manifestações de sua glória (Boff, a Trindade e a sociedade.1986, p. 112).

sinagoga da Sua terra natal, aplicando a Si próprio as palavras de Isaías, sobre o Ungido, enviado pelo Espírito do Senhor (RM, n. 13).

## 2.4 ESPÍRITO SANTO - PROTAGONISTA DA MISSÃO

A maior densidade e profundidade da missão histórica do Espírito Santo é condicionada ao processo da humanização do homem. Que vai progredindo até culminar na incorporação do homem na Família Divina. Ele é Deus como o Pai e o Filho, é o santificador, o vivificador, dom do Pai, Distribuidor dos dons e frutos divinos. É verdade, vida, e liberdade. Vem selar a aliança que dá existencia à Igreja e o proclamador da realeza do Senhor, a realização da promessa do Pai e do Filho. Da mesma forma guia a Igreja a ser sinal de Salvação (Cf. CIC, n. 244). Também nas aspirações do Ressuscitado, onde Jesus sopra os discípulos comunicando-lhes o Espírito Santo, dando-lhes ousadia e enviando-lhes com a missão de perdoar pecados (Cf. Jo 20,21ss).

O Espírito Santo é força divina que anima toda caminhada e proporciona a vida na unidade trinitária que se faz presente desde a “origem da criação” (Cf. Gn 1, 2). A obra do Espírito Santo esteve presente na missão do Messias, assim como continua a sua obra Salvífica animando os apóstolos e a Igreja:

O Espírito Santo é o protagonista de toda a missão eclesial: a Sua obra brilha esplendorosamente na missão ad gentes, como se vê na Igreja primitiva pela conversão de Cornélio (cf. At. 10), pelas decisões acerca dos problemas surgidos (cf. At. 15), e pela escolha dos territórios e povos 16 (cf. At. 16, 6 s). O Espírito Santo age através dos Apóstolos, mas, ao mesmo tempo, opera nos ouvintes: pela Sua ação a Boa Nova ganha corpo nas consciências e nos corações humanos, expandindo-se na história. Em tudo isto, é o Espírito Santo que dá a vida (RM, n. 21).

Ele guia a Igreja para que ela seja sinal de Salvação. No mesmo Espírito, na festa de Pentecostes, a Igreja tem o seu início e começa “a falar em outras línguas” (At 2,4) e inicia a sua missão, revestida “da força do Alto” (Lc 24, 49). “No dia de Pentecostes foi enviado o Espírito Santo para santificar continuamente a Igreja e assim dá aos crentes acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito[...]” (LG 4a). Os cristãos são tomados pela ação do Espírito, dando testemunho da futura Igreja. Rompendo todas as barreiras linguísticas e culturais, e começa a anunciar a Boa Nova a todas as criaturas (Cf. At 1,8). O Espírito lhes invade por inteiro preenchendo toda a necessidade humana, e dá a capacidade de anunciar o Reino sem temor.

Quando os evangelizadores saem de Jerusalém, o Espírito assume ainda mais a função de “guia” na escolha tanto das pessoas como dos itinerários da missão. A Sua ação manifesta-se especialmente no impulso dado à missão que, de fato, se estende, segundo as palavras de Cristo, desde Jerusalém, por toda a Judéia e Sumária, e vai até aos confins do mundo (RM, n. 24).



O Evangelho de São João deixa claro quanto ao mandato missionário (Cf. Jo 20,21), mas todos os quatro evangelistas vêm narrar a experiência com o Ressuscitado. A missão é o envio no Espírito Santo, Cristo envia os discípulos ao mundo, da mesma forma que foi enviado pelo Pai, tornando possível a ação evangelizadora dos discípulos, E a concretude desta experiência, é a de Pentecostes a exposição de tal beleza e também da missionariedade da Igreja que surge na mesma ocasião.

Podemos fornecer alguns acenos sobre a missão (mandato) segundo os evangelistas. São Marcos, teve como preocupação mostrar aos novos cristãos (convertidos e batizados), que aquele Jesus a qual, os homens não aceitaram, crucificaram e mataram, era também o Filho de Deus glorioso que ressuscitou na Páscoa. O evangelista faz menção a missão no sentido de proclamação, o anúncio da boa nova. Afirmando a autoridade de Jesus. Ele é o Senhor, Filho de Deus. Já no o evangelho de Mateus relata a fundação da Igreja e os seus ensinamentos. Ele preocupava-se em mostrar aos judeus e a comunidade para quem ele escreveu seu evangelho, que Jesus é o mesmo Salvador prometido. Ele prova que na pessoa, e na obra de Jesus a promessa de Deus se realiza. No Evangelho de Lucas, faz a um convite ao missionário a crer no amor e misericórdia de Deus, por meio da conversão e ação transformadora da Palavra.

São João é mais específico quando ao mandato missionário, este envio provém da Trindade para o mundo (Cf. Jo 20, 21; 17,18). Todavia os quatro evangelistas na unidade da mesma missão, demonstra um pluralismo vindo das diferentes experiências das comunidades cristãs primitivas, e do dinamismo do Espírito na manifestação de seus carismas conforme a necessidade humana. (Cf. RM, n. 22 e 23).

É Deus Pai que nos atrai por meio da entrega eucarística de seu Filho (cf. Jo 6,44), dom de amor com o qual saiu ao encontro de seus filhos, para que, renovados pela força do Espírito, possamos chamá-lo de Pai: “Quando chegou à plenitude dos tempos, Deus enviou seu próprio Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da lei, para nos libertar do domínio da lei e fazer com que recebêssemos a condição de filhos adotivos de Deus. E porque já somos filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho a nossos corações e o Espírito clama: Abbá! Pai!” (Gl 4,4-5). Trata-se de uma nova criação, onde o amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo, renova a vida das criaturas (DA, n. 241).

O Espírito Santo nos guia a um anseio para ser alimento e esperança, diante das aflições e sofrimentos do povo e lhes anuncia a salvação. (cf. At 14, 15-17). Sendo o Espírito o protagonista da missão, ele nos leva a uma gratuidade no amor, (cf. I Cor13) e na unidade do Espírito, que se concretizam na missão, junto a face amorosa e libertadora de Deus. Assim nas primeiras comunidades o Espírito nos proporciona ser Igreja, uma vez que uma das finalidades centrais da missão é reunir as pessoas, para a escuta da Palavra, oração e a Eucaristia, em uma comunhão fraterna. (cf. RM, n. 26).

Desta forma através dos escritos do Novo Testamento, se chega à convicção de que por meio do Espírito, se constitui a comunidade de Salvação: a Igreja, que nasceu, no tempo mediante a ação do Espírito Santo, e o Redentor enviou após a sua ascensão (cf. Lc 24, 44-53; At 2, 1-13).

Jesus em sua missão (vida pública), Ele efetuou diversas ações que serviam como fundamento para a Igreja. Estabeleceu uma nova comunidade messiânica de salvação, fundou uma nova aliança com o povo de Deus. Porém é o Espírito Santo quem faz a Igreja acontecer na história, em virtude da experiência da Páscoa e da vinda do Espírito Santo (cf. At 2, 42-47). Ele, pois, santifica, habita, guia na verdade, unifica e rejuvenesce a Igreja. “Desta maneira aparece a Igreja como o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG, n. 4).

O fundamento missionário da Igreja é a missão trinitária de onde parte, ou seja, o alicerce de toda e qualquer missão do povo de Deus. A encarnação é considerada iniciativa de Deus Pai. E Ele que na plenitude dos tempos tem a decisão de enviar seu Filho para nos salvar. Mas o faz movido e esteado pelo Espírito Santo.

## 2.5 A MÍSTICA TRINITÁRIA NA MISSÃO

A missão da Igreja está centrada suas bases na Santíssima Trindade como sua fonte de original. Do Pai, pelo Filho encarnado, no Espírito Santo. A Igreja recebe sua missão que é reunir todos os homens em Cristo, e conduzi-los ao Pai, mediante a ação do Espírito Santo.

Diante da experiência trinitária, ou seja, quando nos invalidamos pela presença salvífica de Deus, que se revela ao longo da história como Deus- koinonia, nos remete a vivência desta koinonia na missão, missão esta que se baseia na missão trinitária que é um verdadeira kénosis<sup>4</sup> da “trindade imanete”<sup>5</sup>.

A mística trinitária é uma resposta de encontro com Deus uno e Trino, que é unidade e comunhão inseparável, ou seja, o amor pericoretico das pessoas divinas, permite-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço do outro.

A fonte trinitária da Missão interpela-nos a uma mística missionária consistente e testemunhante. O missionário é a primeira terra de Missão e só na fidelidade à sua intimidade com Deus é que pode ser o profeta que ajuda a descobrir os caminhos do Espírito no anúncio do Evangelho. A teologia da Missão, depois do Vaticano II, tem dado particular relevo às raízes trinitárias e ao protagonismo da Igreja local na evangelização. (<http://www.pom.org.br/aprofundando/simposio.html>).

<sup>4</sup> Kénosis – expressão grega que significa aniquilamento e esvaziamento; é o modo que as pessoas divinas ( Filho e Espírito Santo) escolheram ao se autocomunicar na história (Boff, a Trindade e a sociedade.1986, p. 288).

<sup>5</sup> Trindade imanente – é a Trindade considerada em si mesma, em sua eternidade e comunhão pericóretica entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Desse modo a nossa participação nas missões divinas, se dá pela graça santificante. Ou seja, a isenção do ser humano no âmbito da vida trinitária, sem deixar de ser criatura, entrando no próprio plano de Deus Trindade, ficando totalmente transformado e “deificado”, de condição divina e aparentando como com três pessoas, chegando a ser, com toda propriedade, filho do Pai, no Filho, pela ação do Espírito Santo, capacitando para agir de acordo com o “estilo” da Santíssima Trindade, conhecendo como Deus conhece e amando como Deus ama.

Por isso nesta dinâmica da mística trinitária da missão, a Igreja que é formada por todos os batizados é chamada a ser eficaz expressão da Trindade. A Igreja é também convocada a se estruturar à imagem da Trindade: “una na diversidade, comunhão de carismas e ministérios diversos suscitados pelo único Espírito, a Igreja vive daquela circulação do amor de que a vida trinitária é, além de fonte, modelo incomparável” (Idem, 1987, p.189).

Portanto para ser fiel ao seu título de imagem da Trindade, a Igreja, por um lado, necessita valorizar a diversidade dos dons e serviços que há dentro dela, incentivando a sua participação na vida das comunidades. Por outro lado, evitar que haja divisão impossibilitando unidade.

Por que “Deus é amor” (1Jo 4,16) e expansão fecunda de vida no âmbito intratrinitário. Deus é Pai que, por ser tal, gera, em sua autodoação, o Filho, de sorte que o Pai se constitui “Pai” graças à sua autodoação fecunda que faz de si mesmo ao Filho. Deus é Filho que, por ser tal, é dom pleno do Pai, de modo que o mistério pessoal do Filho dele faz esta entrega total de si mesmo ao Pai. E, porque “Deus é amor”, é Espírito Santo, “dom pessoal” entre o Pai e o Filho, “descanso” e “gozo” mútuos na vida intratrinitário. A vida de Deus é, portanto, em si mesma, fluxo e refluxo, saída e retorno, ou, em outras palavras, comunhão familiar em expansão (Dicionário teológico: O Deus Cristão 1988, p.563).

A medida da nossa caminhada com Cristo, nos unimos cada vez mais intimamente com ele. A esta mística (união), que é fruto de uma convivência com o Mestre, adquirimos por meio do mistério de Cristo e pelos sacramentos. Nos seus “mistérios” encontramos a Santíssima Trindade, e o chamado de Deus a uma íntima união com Ele. Esta mística é fruto de uma união íntima com a Trindade, e como consequência se desdobra na dimensão horizontal, que é manifestar o dom gratuito a todos (cf. CIC, n. 2014).

Em Deus nós somos plenamente realizados e elevados a uma felicidade superior a qualquer realidade que nos interpela. O amor que brota da comunhão trinitária nos lança a missão, a testemunhar com desassombro da boa nova. Deus é amor e no mistério de seu amor é que Ele sai de si, para ir ao encontro do homem.

## 3 A IGREJA PERPETUADORA DA MISSÃO

### 3.1 BATISMO UM CHAMADO A MISSÃO: KERIGMA, KOINONIA E DIACONIA

Por natureza própria a Igreja é missionária, essa missão nasce da própria missão de Cristo. A Igreja é chamada por Deus desde surgimento com os apóstolos em pentecostes (cf. At 2, 1-13) a realizar uma missão no mundo. Esse mandato é um prolongamento da missão de Jesus Cristo, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos (cf. Mc 10, 45), esse é o serviço que a Igreja tem como pauta a prestar.

Assim a Igreja é enviada por Deus as nações para ser o sacramento universal da salvação. “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado” (Mt 28,19-20).

O mandato missionário Senhor tem sua fonte última no amor eterno da Santíssima Trindade: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai”. E o fim último da missão não é outro senão fazer os homens participarem da comunhão que existe entre o Pai e o Filho em seu Espírito de amor (CIC, n. 850).

Podemos notar que o Pai é fonte de toda missão, e atua no mundo através de suas duas “mãos”, o Filho e o Espírito Santo. A Igreja é em Cristo como sacramento, o sinal e instrumento, da união íntima com Deus e da união de todo gênero humano (cf. LG, n.1).

O batismo é a porta de entrada para a Igreja e os demais sacramentos, esse batismo se dar por meio de Cristo que nos dá uma vida nova (cf. Mt 3,6; Mc 16,16). O batismo não só é a purificação de todos os pecados, mais também como criaturas novas, nos tornamos filhos adotivos de Deus e participantes da natureza divina, membros de Cristo e templos do Espírito Santo (cf. CIC, n. 1265).

Na realidade atual somos interpelados à um grande desafio, que é levar o Evangelho aos não batizados e batizados. No período primitivo se pregava o batismo para aqueles que se convertiam e abraçavam a fé. Atualmente há uma carência de uma nova evangelização, pois, o desafio não mais é os não – batizados e sim os batizados que estão afastados da Igreja. E quem serão os anunciadores da boa nova de Jesus a esses? De quem é o papel de anunciar o kerigma?

Todos pelo batismo somos chamados a missão de anunciar o Cristo, morto e ressuscitado. Com urgência deste anúncio a importância dos leigos. Esses em razão de seu batismo.

A necessidade de que todos os fiéis compartilhem tal responsabilidade não é apenas questão de eficácia apostólica, mas é um dever-direito, fundado sobre a dignidade batismal, pelo qual “os fiéis leigos participam, por sua vez, no tríplice ministério – sacerdotal, profético e real – de Jesus Cristo”. Por isso também “recai sobre eles o mandato do Senhor, tendo o direito de se empenharem individualmente ou reunidos em associação para que o anúncio da salvação seja conhecido e acolhido por todo o homem em qualquer lugar; tal obrigação vincula-os ainda mais naquelas situações onde os homens só poderão ouvir o Evangelho e conhecer Cristo através deles”. Além disso pela índole secular, que lhes é própria, cabe-lhes a vocação particular de buscar o Reino de Deus, tratando das coisas temporais e orientando-as segundo o plano de Deus (RM, 71c).

Esses agentes são de suma importância para a nova evangelização, porém há uma insuficiência de ministros ordenados e uma crescente ruptura entre o evangelho e a cultura, a fé e a vida. Desta forma as realidades em que grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, e não se reconhecem como membros da Igreja, afastando-se por completo de Cristo e do evangelho.

Essa nova evangelização passa por um processo de maturidade que são as três etapas: Kerigma, koinonia e diaconia. E ao passar por essas etapas o discípulo e missionário está pronto a atender o “mandato de Jesus” (cf Mt 28,19-20), a missionariedade da vida cristã.

A evangelização é ampla e complexa, mas devemos compreendê-la em linhas grandes como toda a atividade de Jesus e da Igreja, cada ação eclesial é evangelização que proclama, celebra ou vive o mistério da salvação.

Dentro das etapas daquele que faz uma experiência com Jesus por meio de seu anúncio, está o Kerigma, palavra grega, etimologicamente que significa proclamar, gritar, e seu objetivo é elevar o homem a nascer de novo, e ter uma vida nova em Jesus Cristo. O seu conteúdo é Jesus morto, Salvador, e ressuscitado Senhor e glorificado Messias. “A fim de que todo aquele que crer tenha Nele a vida eterna” (Jo 3, 15).

O kerigma é a boa nova de Jesus Cristo, do Cristo morto e ressuscitado, que o Pai constituiu Senhor. O Senhorio de Cristo é para manifestação do amor e a misericórdia de Deus para conosco, é a salvação dos nossos pecados. Jesus nos oferece uma fé nova, e dela apresenta o rosto de Deus como amigo, por que sem Ele essa amizade não acontece e nem podemos chamar de nosso Senhor.

Todo aquele que faz uma experiência com primeiro anúncio, ou seja, o “Kerigma”, passa por um processo sistemático que nos leva a uma experiência viva e eficaz, nos apaixonando por Cristo, e essa experiência é algo singular, fazendo brotar no coração

uma ardente missionariedade, fazendo transbordar o amor, e assim gritar para o mundo ouvir que Jesus te ama! Que Ele está vivo! E quer entra na nossa vida, e etc. Mas para essa experiência ser frutuoso o discípulo e missionário precisa passar por todas as etapas do anúncio do Kerigma que é:

### 3.1.1 Amor de Deus que é Pai

Deus é amor (cf. Ijo 4, 8), Jesus veio revela-nos o Pai e mostrar que Ele nos ama com uma amor pessoal e único e incondicional “Mesmo que as montanhas oscilassem e as colinas se abalasssem, jamais meu amor te abandonará e jamais meu pacto de paz vacilará, diz o Senhor que se compadeceu de ti”(Is 54, 10). Não nos amo por que somos bons, mas sim porque Ele é bom. O Pai nos amou dando o seu Filho único. “Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16). Jesus amou com o mesmo amor do Pai e ninguém tem amor maior do que aquele que dá a própria vida. Exemplos deste amor encontramos na forma que Jesus tratava a mulher adúltera (cf. Jo 8, 10-10), Zaqueu (cf. Lc 19, 5-10), no filho pródigo que antes de vestir a roupa nova o pai o abraça e beija (cf. Lc 15,20-24).

Pois estou persuadido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem as alturas, nem os abismos, nem outra qualquer criatura nos poderá apartar do amor que Deus nos testemunha em Cristo Jesus, nosso Senhor”(Rm 8, 38-39). Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: em nos ter enviado ao mundo o seu Filho único, para que vivamos por ele. Nisto consiste o amor: não em termos nós amado a Deus, mas em ter-nos ele amado, e enviado o seu Filho para expiar os nossos pecados (I Jo 4,7-10).

O amor tem necessidade de se comunicar, quanto mais eu amo, mais eu sou amado, por este motivo Deus nos dá o seu amor, mas é preciso corresponder mesmo que de forma imperfeita, por que o amor de Deus é perfeito e jamais poderemos alcançar tamanha grandeza de Amor. “O evangelizador por sua vez tem um vínculo do amor de Deus, acompanhando o evangelizando a subir ao Tabor para que o mesmo Deus lhe declare: Tu és meu filho amado em quem tenho todas complacências”(Flores, 2004, p.93).

### 3.1.2 Pecado

O catecismo da Igreja vem definir o pecado como uma falta contra a razão, por duas faltas a da consciência reta e a falta ao amor verdadeiro para com Deus e o próximo (cf. CIC, n. 189).

Estabelecido por Deus num estado de santidade, o homem, seduzido pelo maligno, logo no começo da sua história abusou da própria liberdade, 23 levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora d'Ele. [...] Quando o homem olha para dentro do próprio coração, descobre-se inclinado também para o mal, e imerso em muitos males, que não podem provir de seu Criador, que é bom. [...] Mas o Senhor em pessoa veio para libertar e fortalecer o homem, renovando-o interiormente e lançando fora o príncipe deste mundo (cfr. Jo. 12,31), que o mantinha na servidão do pecado (GS, n. 13).

A Bíblia nos fala que, por causa dos pecados, todos estavam privados da glória de Deus (cf. CIC, n. 189). O pecado consiste em não confiar em Deus e não depender d'Ele, assim nos impedindo de sentir o amor d'Ele. Precisamos da salvação que é a libertação do poder do pecado. “Porque o salário do pecado é a morte, enquanto o dom de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 6,23).

Os escribas e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher que fora apanhada em adultério. Puseram-na no meio da multidão e disseram a Jesus: Mestre, agora mesmo esta mulher foi apanhada em adultério. Moisés mandou-nos na lei que apedrejassemos tais mulheres. Que dizes tu a isso? Perguntavam-lhe isso, a fim de pô-lo à prova e poderem acusá-lo. Jesus, porém, se inclinou para a frente e escrevia com o dedo na terra. Como eles insistissem, ergueu-se e disse-lhes: Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra. Inclinando-se novamente, escrevia na terra. A essas palavras, sentindo-se acusados pela sua própria consciência, eles se foram retirando um por um, até o último, a começar pelos mais idosos, de sorte que Jesus ficou sozinho, com a mulher diante dele. Então ele se ergueu e vendo ali apenas a mulher, perguntou-lhe: Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor. Disse-lhe então Jesus: Nem eu te condeno. Vai e não tornes a pecar (Jo 8,3-11).

O perdão que essa mulher recebe é a força do amor e da misericórdia, que Deus lhes concede para não pecar mais. Pela lei de Moises ela teria sido apedrejada, mas Jesus não lhe dá o que merecia, mas o seu amor e misericórdia.

Deus nos criou para o amor, com a desobediência de Adão e Eva essa aliança foi quebrada, (cf. Gn 3,1-24) desta forma o pecado nos leva a querer se esconder de Deus (cf. Gn 3,8). Por isso é muito importante darmos o primeiro passo a tomar consciência que somos pecadores e depois se arrepender. Por que Deus é fiel e justo para nos perdoar, o Pai quer nos trazer de volta para o paraíso e Ele conseguiu, pois nos libertou do pecado, com o seu Filho Único.

Jesus lhes disse ainda esta parábola a respeito de alguns que se vangloriavam como se fossem justos, e desprezavam os outros: Subiram dois homens ao templo para orar. Uma era fariseu; o outro, publicano. O fariseu, em pé, orava no seu interior desta forma: Graças te dou, ó Deus, que não sou como os demais homens: ladrões, injustos e adúlteros; nem como o publicano que está ali. Jejuo duas vezes na semana e pago o dízimo de todos os meus lucros. O publicano, porém, mantendo-se à distância, não ousava sequer levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, 24 dizendo: Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador! Digo-vos: este voltou para casa justificado, e não o outro. Pois todo o que se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado (Lc 18,9-14).

O bom evangelizador tem uma meta iniludível: que o homem se reconheça pecador diante de Deus e, portanto, necessitado de salvação. Muitos acreditam que o pecado impede a aproximar-se de Deus, mas não se dão conta de que se reconhecer pecador é a condição, a única, para experimentar o perdão divino. (cf. Flores, 2004, p. 94).

### 3.1.3 Salvação em Jesus

O homem tem a necessidade de salvação, pois ele pecou (cf. Rm 3,23). As pessoas buscam salvação de tudo que causa dor. A humanidade grita por salvação então eis a solução! Cristo nosso Redentor, nos liberta oferecendo a própria vida em resgate. “Porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em redenção por muitos” (Mc 10,45). Da mesma forma “Portanto, se com tua boca confessares que Jesus é o Senhor, e se em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo”(Rm 10,9). “Ele foi castigado por nossos crimes e esmagado por nossas iniquidades; o castigo que nos salva pesou sobre Ele; fomos curados graças às Suas chagas”(Is 53,5). Nós estávamos mortos e Deus nos deu a vida em Cristo. Toda dívida que havia sobre nós Jesus pagou na cruz.

Mortos pelos vossos pecados e pela incircuncisão da vossa carne, chamovos novamente à vida em companhia com ele. É ele que nos perdoou todos os pecados, cancelando o documento escrito contra nós, cujas prescrições nos condenavam. Aboliu-o definitivamente, ao engravá-lo na cruz (Cl 2,13- 14).

Jesus não veio somente para nos tirar do pecado, mas para libertar-nos dele, dar-nos a força, para vencermos o pecado. “Mas descera sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins do mundo” (At 1,8). Quando Ele morre, nós morremos com Ele, nossa vida de pecado, de maldição, nosso homem velho, morre com Ele, mas quando Ele ressuscita, ressuscitamos juntos. Ele nos deu a sua vida de paz, alegria e felicidade. Em Cristo nós somos Salvos; “Todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo” (2 Cor 5,17)!



A salvação em Jesus se desvela em nossa vida conforme ela é comunicada, e Ele nos oferece sua vida, vida em abundância (cf. Jo 10,10). Mediante o anúncio de Jesus morto e ressuscitado, que gratuitamente oferece o dom da Salvação, o atributo espontâneo deve ser um ato de fé e de conversão.

### 3.1.4 Fé e conversão

A fé é necessária para agradar a Deus, é por meio dela que vamos nos relacionar com a Salvação em Jesus Cristo. “Porque é gratuitamente que fostes salvos mediante a fé. Isto não provém de vossos méritos, mas é puro dom de Deus” (Ef 2,8). Desta forma fica claro que é por graça que fostes salvos, por meio da fé, assim não vem de nós, por que é dom de Deus. A fé é a certeza que Deus vai agir, que Ele é fiel. “Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados na caridade”(Ef 3,17), e portanto, “arrependei-vos, portanto, e converteí-vos para serem apagados os vossos pecados. Virão, assim, da parte do Senhor os tempos de refrigério, e ele enviará aquele que vos é destinado: Cristo Jesus. ”(DA 3,19-20).

A fé é necessária para o anúncio, gera entusiasmo e nos dá vigor missionário (cf. RM, n. 45), muitos casos do evangelho manifestam como uma expressão de fé pode usufruir a ação salvífica de Cristo Jesus, o cego de Jericó (cf. Lc18,39), a sinofenícia (cf. Mc 7,26-30), o centurião romano (cf. Lc 7,2-10), o paralisado (cf. Mc 2,5), o Pai do epilético (cf. Mc 9,24) etc.

A conversão é a mudança de vida, e por inteiro fazendo assim uma verdadeira entrega ao Senhor. Assim como aconteceu com São Paulo, que de Saulo passou a ser Paulo, um novo homem com novos ideais (cf. Fl 3,5-9). O anúncio da Palavra de Deus visa a conversão cristã, isto é, a adesão plena e sincera a Cristo e ao seu Evangelho, mediante a fé. A conversão é dom de Deus, obra da Trindade: é o Espírito que abre as portas dos corações, para que os homens possam acreditar no Senhor e “confessá-lo” (1 Cor 12, 3). Jesus, referindo-se a quem se aproxima d’Ele pela fé, diz: “ninguém pode vir a Mim, se o Pai, que me enviou, o não atrair” (Jo 6, 44).

Desde o início, a conversão exprime-se com uma fé total e radical: não põe limites nem impedimentos ao dom de Deus. Ao mesmo tempo, porém, determina um processo dinâmico e permanente que se prolonga por toda a existência, exigindo uma passagem contínua da “vida segundo a carne” à “vida segundo o Espírito” (cf. Rm 8, 3-13). Esta significa aceitar, por decisão pessoal, a soberania salvífica de Cristo, tornando-se Seu discípulo (RM, n.46).

Jesus conquistou uma vida nova para nós, precisamos tomar posse dessa graça. E convencendo-se que Jesus é o único caminho a verdade e a vida (cf. Jo 14,6). Devemos confessá-lo como nosso Salvador pessoal e renunciar qualquer outro meio de Salvação.

*toda a pessoa tem o direito de ouvir a “Boa Nova” de Deus que se revela e se dá em Cristo, para realizar em plenitude a sua própria vocação. A grandeza deste evento ressoa nas palavras de Jesus à samaritana: “Se tu conhecesses o dom de Deus”, e no desejo inconsciente, mas intenso da mulher: Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede (RM, n.46c).*

### 3.1.5 Espírito Santo

A promessa do Senhor é um mandato missionário (cf. Mc 16,15), por sua vez encontramos muitos desafios, para sermos testemunhas autênticas do Cristo. E é o Espírito Santo que nos dará forças para irmos até o fim do mundo (cf. At 1,8). Esse mesmo espírito nos dá o desejo de santidade, de nos consumirmos por inteiro pelo Reino de Deus. Deus pode fazer um homem mudar de situação social, Ele oferece uma riqueza que somente Ele pode lhe dá, e conseqüentemente nos encherá de paz, de santidade e amor (cf. Eclo 10,24-26). Faz-nos eternos enamorados por Ele. O espírito Santo nos foi apresentado para nos apaixonarmos cada dia mais por Jesus.

Cristo se fez presente com sua Salvação por meio do Espírito Santo. Ele está sedento com água viva do seu Espírito. “O que tem sede, venha, e quem o deseja, receba gratuitamente a Água da vida” (DA 22,17b). Cada um de nós há de ter o seu próprio pentecostes, mediante uma oração sincera e partir dela recebermos uma efusão abundante do Espírito Santo, e sejamos manifestados seus dons e seus frutos. “A vida no Espírito realiza a vocação do homem Constitui-se de caridade divina e de solidariedade humana. É concedida de graça como uma Salvação (CIC, n. 1699).

### 3.1.6 Comunidade

A partir do encontro pessoal com Deus, somos transformados em Cristo e com este convite somos chamados a nos tornarmos criaturas novas, e é neste renascer que desejamos testemunharmos o anúncio da Boa nova. Por isso a importância de manter-nos unidos a Cristo, como fonte de toda a dinamicidade da vida no espírito, vivendo como parte do corpo de Cristo, em união com todos os outros membros.

Por isso, somos chamados a ser comunidade “assim nós, embora sejamos muitos, formamos um só corpo em Cristo, e cada um de nós é membro um do outro” (Rm 12,5), e da mesma forma “unidos a Cristo, pelo qual todo corpo, alimentado em Deus” (Cl 2,19).

O encontro com Jesus nos leva necessariamente ao encontro do irmão, (cf. I Jo 4,20-21), de forma especial os mais necessitados. Desta forma mostramos o rosto de Jesus que não veio para os sadios mais para os doentes, ou seja, os pecadores (cf. Mc 12,17).

Cada comunidade, para ser cristã, deve fundar-se e viver em Cristo, na escuta da Palavra de Deus, na oração onde a Eucaristia ocupa o lugar central, na comunhão expressa pela unidade de coração e de alma, e pela partilha conforme as necessidades dos vários membros [...] (RM, n. 51c).

### A koinonia<sup>1</sup>

As primeiras comunidades fizeram uma experiência autêntica com Jesus morto-ressuscitado, e sentiram a necessidade de viver em comunidade, pois temos essa dádiva que é ir ao encontro do outro. “Eles mostram-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunidade fraterna, à fração do pão e as orações” (At 2,42). Colocavam tudo em comum não só as coisas materiais, como o próprio alimento, mais as alegrias e as tristezas, partia o pão pelas casas louvando a Deus (cf. At 2,44-47)

O Espírito impele o grupo dos crentes a “constituírem comunidades”, a serem Igreja. Depois do primeiro anúncio de Pedro no dia de Pentecostes e as conversões que se seguiram, forma-se a primeira comunidade (cf. At 2, 42-47; 4, 32-35). Com efeito, uma das finalidades centrais da missão é reunir o povo de Deus na escuta do Evangelho, na comunhão fraterna, na oração e na Eucaristia. Viver a “comunhão fraterna” (koinonía) significa ter “um só coração e uma só alma” (At 4, 32), instaurando uma comunhão sob os aspectos humano, espiritual e material. A verdadeira comunidade cristã sente necessidade de distribuir os próprios bens, para que não haja necessitados, e todos possam ter acesso a esses bens, “conforme as necessidades de cada um” (At 2, 45; 4,35). As primeiras comunidades, onde reinava “a alegria e a simplicidade de coração” (At 2, 46), eram dinamicamente abertas e missionárias: “gozavam da estima de todo o povo” (At 2, 47). Antes ainda da ação, a missão é testemunho e irradiação (RM, n.26).

Os discípulos missionários de Jesus tinham certeza de que a Boa Notícia, é capaz de responder aos anseios mais profundos de pessoas de qualquer cultura, raça e lugar. A palavra (anúncio) Jesus era acolhida e, Ele transformava e libertava. Desta forma o anúncio de Jesus constituía que pelos méritos de sua morte e ressurreição, Ele é o único e definitivo Salvador da humanidade (cf. At 2,22; 3,12; 4,7; 4,33; 6,8; 8,13; 10,38; 1 Ts 1,5; 1 Cor 2,4-5).

<sup>1</sup> c) Entre os homens fala-se de k. quando são aceitos os mesmos dogmas da fé (Teodrt., H. rel. II, 16; III, 17) e é por isto que é proibida a comunhão com os heréticos (Leôncio Const. Hom. Paschs. I, 8; SCh 187, p. 382). No ambiente latino a *communio*, ou *concordia* ou *unanimitas*, é vista sobretudo como característica da Igreja (Cipr., De unit. 4; Ep. 11,3; 45,1; Agost., Ep. 49,2), que é participação e reflexo da k. existente entre o Pai, o Filho e o Espírito (Cipr., Or. 23). A k. eclesial jamais pode ser abandonada pelo fiel, não obstante nela se verifiquem culpas (Agost., Ep. 44,11). É da k. espiritual, que liga os homens entre si, que nasce a exigência de realizar uma k. também material (Barn. 19,8), mas a experiência talvez a mais completa de uma tal k. que se estende em todas as direções é a k. que se realiza nos ambientes monásticos, onde se procura pôr em prática o ideal comunitário descrito em At 4,32 (cf. Crom., Serm. 1,7; 31,4; Agost., Mor. Eccl. Cath. 1,21,67; C. Faust. 5,9; Praecept. 2- 4,8; Cassiano, Conl. IV, 21,3). (DICCIONARIO PATRISTICO E DE ANTIGUIDADE CRISTA. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.804.

A conversão e o batismo inserem na Igreja, onde ela já existe, ou então implicam a constituição de novas comunidades, que confessem Jesus Senhor e Salvador. Isto faz parte do desígnio de Deus, a Quem aprouve “chamar os homens a participar da Sua própria vida, não um a um, mas constituídos como povo, no qual os Seus filhos dispersos fossem reconduzidos à unidade”.

A missão ad gentes tem este objetivo: fundar comunidades cristãs, desenvolver Igrejas até a sua completa maturação. Esta é uma meta central e qualificativa da atividade missionária, de tal modo que esta não se pode considerar verdadeiramente concluída, enquanto não tiver conseguido edificar uma nova Igreja particular atuando normalmente no ambiente local [...] (RM, n. 48).

Sendo imagem e semelhança de Deus –Trino; somos chamados ao amor e a comunhão, e nos realizamos em plenitude a medida em que na comunidade descobrimos a koinonia de servir a Deus. Assim a vida fraterna em uma comunidade gera frutos como: amor, partilha, fraternidade, reconciliação e outros frutos da koinonia. A vida em comunidade é se colocar a serviço do outro, e testemunhar a vida de despojamento para melhor seguir a Jesus (cf. DGAE, n. 150).

Os discípulos e missionários de Jesus atendendo o chamado por meio do Espírito Santo, devem fazer surgir comunidades de fiéis, que levem uma vida digna na vocação que possuem. Correspondendo a suas vocações, chamados a ser sinal da presença de Deus no mundo (cf. AG, n.15).

A vocação da humanidade consiste em manifestar a imagem de Deus e ser transformada à imagem do Filho único do Pai. Esta vocação implica uma dimensão pessoal, pois cada um é chamado a entrar na bem-aventurança divina, mas concerne também ao conjunto da comunidade humana (CIC, n.1877).

As comunidades sejam realmente fraternas, de tal forma que as iguais dignidades de todos os fiéis sejam evidenciadas e seja estimulada a participação ativa de todos a exemplo da primeira comunidade cristã (cf. At 2,42-47). Jesus é mostra o arquétipo de servir o irmão, e a ter amor mutuo. “Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13, 34). Da mesma forma a comunhão entre os frutos e desafios da vida fraterna. “Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21).

Com sua morte de cruz destruiu o muro de separação entre povos, reconciliando todos na unidade (cf. Ef 2,14-16), ensinando-nos assim que a comunhão (koinonia) e a unidade são frutos de seu ministério. A vinda do Espírito Santo, primeiro dom aos que têm fé, realizou a unidade querida por Cristo, infundindo sobre os discípulos reunidos no cenáculo com Maria (cf. At 1,14; 2,1-4), deu visibilidade a Igreja que, desde o primeiro momento, se caracteriza como fraternidade de um só coração e de uma só alma (cf. At 4,32).

### 3.1.7 Diaconia

Dentro do processo onde todo aquele que tem um encontro pessoal com Jesus, encontramos o primeiro anúncio (kerigma) e como consequência levam a pessoa a querer partilhar essa experiência com outras pessoas. Assim a comunhão e fraternidade, se lançam na forma de koinonia. A vida em comunidade (koinonia) nos remete ao serviço, ou seja, a diaconia que é estar a serviço dos mais necessitados assim como Jesus que é o Divino mestre.

Diaconia (termo cristão) significa: servir ao próximo, servir a messe, aos mais necessitados etc. é fruto da graça e alegria por tudo que Deus tem feito por nós, nos gerando nova vida, desta forma sentimos o desejo de promover a diaconia.

Diaconia e missão: são palavras que dificilmente se separam, nos desafiam a missionariedade que é fruto natural de quem teve um encontro pessoal com Cristo. Assim nos reunimos como comunidade, e nesta dinamicidade espiritual crescemos junto comunitariamente e espiritualmente, sendo um para o outro, sinal visível da graça de Deus. Como consequência esse dom de ser comunidade (a koinonia), nos remete a ser por meio de nossa vida comunitária, arquétipo da partilha e serviço que no tempo atual é resposta a cultura de individualismo e morte (DA, n.44;110).

Segundo a Sagrada Escritura a diaconia foi uma das maiores virtudes e características das primeiras comunidades cristãs, por meio do testemunho de sua fé, e por meio da vivência solidária (cf. At 2, 44-45; 4, 32-35). Na dinamicidade sadia da comunidade “se um membro sofre todos sofrem com ele” (cf. 1 cor 12,26). O fundamento desta pratica solidária reside no ensinamento e na prática de Jesus. Ele ensinou, que só é possível o amor a Deus se este amor se estende ao próximo ( cf. 1 Jo 4,20). E é pela pratica do amor ao próximo que consiste a ação que proporciona a dignidade humana e reintegração na sociedade (cf. Mt 9,35ss).

*O testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma de missão: Cristo, cuja missão nós continuamos, é a “testemunha” por excelência (DA 1, 5; 3, 14) e o modelo do testemunho cristão. O Espírito Santo acompanha o caminho da Igreja, associando-a ao testemunho que Ele próprio dá de Cristo (cf. Jo 15, 26-27).*

*A primeira forma de testemunho é a própria vida do missionário, da família cristã e da comunidade eclesial, que torna visível um novo modo de se comportar. O missionário que, apesar dos seus limites e defeitos humanos, vive com simplicidade, segundo o modelo de Cristo, é um sinal de Deus e das realidades transcendentais. Mas todos na Igreja, esforçando-se por imitar o divino Mestre, podem e devem dar o mesmo testemunho, que é, em muitos casos, o único modo possível de se ser missionário [...] (RM, n.42).*

Assim para os apóstolos o testemunho era o embasamento para a koinonia, onde as forças e os bens investidos a favor dos outros, à medida que haviam necessidade a partilha (cf. At 2,44-47). Esta diaconia não era só na dimensão material como

dinheiro e os bens no geral, mas também, o corpo (como serviço prestado ao próximo) e a vida (cf. 2 Cor 8,5).

A diaconia da Igreja decorre da sua íntima união à missão do próprio Cristo, que disse de Si mesmo: “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e da Sua vida” (Mc 10, 45). Jesus considera Sua missão um serviço, a realização da vontade do Pai, do Seu desígnio de salvação. É assim que Se apresenta: como um servo que deseja ser reconhecido. “Estou no meio de vós como aquele que serve” (cf. Lc 22, 27). A atitude de servo supõe a obediência. Servir é obedecer, isto é, pôr toda a sua vida ao serviço de uma vontade e de um projeto que é do Pai que O enviou. “É preciso que o mundo saiba que Eu amo o Pai e que ajo como o Pai me ordenou” (Jo 14, 31).

Quem aceita seguir Jesus como discípulo e missionário assume a condição de servo, a vocação de servir. “Dei-vos o exemplo para que vós possais agir como Eu agi em relação a vós” (Jo 13, 15). Desta forma a Igreja, comunidade dos discípulos, isto é, daqueles que seguiram o Senhor e por isso prolongam a sua própria missão, só pode servir, encontrar na sua vocação de serviço o caminho da sua fidelidade a Cristo Servo. Maria, a serva do Senhor, que obedeceu radicalmente à Palavra que Deus lhe dirigiu, é, também, o modelo da Igreja obediente e por isso serva. (cf. Lc 1,37s).

No período contemporâneo, há uma efervescência de teorias, e tudo é muito relativo como consequência traz ao homem uma crise de valores e outros. O testemunho pessoal traz sólidas convicções, desta forma o testemunho é aceitável, é a forma concreta daquilo que pregamos (cf. RM, n. 42a). A missionariedade deve ser repleta de atos testemunhal, e esse testemunho sendo evangélico deve ser inserido em uma realidade local e tornar posições corajosas e proféticas. Vivendo a radicalidade do evangelho e identificando as sementes do verbo (cf. AG, n, 15), existentes em nós e no meio que é a realidade que nos interpela, um apelo à atitude de diaconia, ou seja, “servir ao Senhor com toda alegria! Com a nossa vida e tudo que possuímos, por que somos discípulos e missionários de Jesus.

## 3.2 INCULTURAÇÃO E DIALOGO

### 3.2.1 Cultura dos Povos

Para falar sobre este assunto vamos nos debruçar *apriori*<sup>2</sup> sobre a vida missionária de Paulo, que depois de ter pregado em numerosos lugares, chega a Atenas e vai ao

<sup>2</sup> Este termo juntamente com o termo *posteriori* foi designado os elementos em três distinções seguintes: 1) a distinção entre a demonstração que vai da causa ao efeito e a que vai do efeito à causa; 2) a distinção entre os conhecimentos que podem ser obtidos com a experiência; 3) a distinção entre tautologias e verdades empíricas.

areópago, onde anuncia o evangelho, usando uma linguagem adaptada e compreensível para aquele ambiente (cf. At 17, 22-31).

E nós hoje? Temos que ter a mesma ousadia de Paulo, para que a Igreja nos dias atuais seja cada vez mais discípula e missionária, para que os nossos povos “em Cristo tenham vida” (cf. Jo 14,6). É por meio da fé que nos permite contemplar a realidade com os olhos de Jesus.

Com resposta ao relativismo que a cultura dos povos nos oferece a Igreja, deve proclamar com criatividade a mensagem do evangelho, levando assim uma vida mais digna e cristã a todos.

Os desafios da missionariedade da Igreja são recheados de provocações, mediante a realidade que nos interpela, devido as mudanças constantes que nos afligem, mas não nos confundem.

A situação Socio-cultural nos apresenta uma crescente fragmentação dos referenciais; o relativismo que afligem e gera uma crise de sentido. As tradições estão se diluindo, pois recebem informações, mas não as compreende. Por isso diante das incertezas e do risco, as pessoas buscam uma satisfação imediata. O desencanto gera uma crise profunda, por causa das desigualdades que por sua vez leva a incertezas e como conseqüência o homem busca suprir no consumismo e outros meios da mesma natureza. Todavia o bem-estar no material; as novas gerações são as mais afetadas, de modo que sendo cada vez mais individual, perde o nexo entre fé e moral, ou seja, Igreja e Sociedade.

O nosso olhar de missionariedade tem que ser capaz de ver um ponto positivo nessa mudança. Essa forma de pensar, exige de nós o papel missionário, que sejamos capazes de ter um olhar sensível dentro de nós, e depois para o outro. Gerando discípulo e missionários. “A cultura, em sua compreensão mais extensa, representa o modo particular com que os homens e os povos cultivam sua relação com a natureza e com seus irmãos, consigo mesmo e com Deus [...]” (DA, n. 476).

A atividade missionária na atualidade necessita de uma criatividade para encarnar o evangelho nas culturas dos povos. Nesse processo podemos dizer que a inculturação se traduz em criatividade para esta mais próximo de um povo, essa proximidade é algo urgente para nós hoje.

O processo de inserção da Igreja nas culturas dos povos requer um tempo longo: é que não se trata de uma mera adaptação exterior, já que a inculturação “significa a íntima transformação dos valores culturais autênticos, pela sua integração no cristianismo, e o enraizamento do cristianismo nas várias culturas”. Trata-se, pois, de um processo profundo e globalizante que integra tanto a mensagem cristã, como a reflexão e a práxis da Igreja. Mas é também um processo difícil, porque não pode comprometer de modo nenhum a especificidade e a integridade da fé cristã. Pela inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas e simultaneamente introduz os povos com as suas culturas na sua

própria comunidade, transmitindo-lhes os seus próprios valores, assumindo o que de bom nelas existe, e renovando-as a partir de dentro. Por sua vez, a Igreja, com a inculturação, torna-se um sinal mais transparente daquilo que realmente ela é, e um instrumento mais apto para a missão.

Graças a esta ação das Igrejas locais, a própria Igreja universal se enriquece com novas expressões e valores nos diversos sectores da vida cristã, tais como a evangelização, o culto, a teologia, a caridade; conhece e exprime cada vez melhor o mistério de Cristo, e é estimulada a uma renovação contínua. Estes temas, presentes no Concílio e no Magistério sucessivo, tenho-os afrontado repetidamente nas minhas visitas pastorais às jovens Igrejas. A inculturação é um caminho lento, que acompanha toda a vida missionária e que responsabiliza os vários agentes da missão ad gentes, as comunidades cristãs à medida que se vão desenvolvendo, e os Pastores que têm a responsabilidade de discernimento e de estímulo na sua realização (RM, n.52).

“[...] a fé só é adequadamente professada, entendida, quando penetra profundamente no substrato cultural de um povo” (DA, n. 477a), atender e adentrar em uma cultura é de suma importância para a evangelização, pois a salvação trazida por Jesus nos abrangem com total abrangência no que se refere a nossa espiritualidade, mais também na nossa vida social e cultural. Nos permitindo um aperfeiçoamento na busca, de esta em relação com o próximo que é um dom de Deus para a minha vida.

O individualismo se alastrou também no meio religioso, a busca do sagrado por afinidade que gerou uma fragmentação de doutrinas. A religião esta sendo colocada no sentido utilitarista. Neste caso o que importa é a prosperidade o ter, e não passamos de um prazer utilitário dos nossos sonhos de consumo, vivendo fantasias e não a felicidade autentica (cf. DGAE, n. 38).

Face à cultura cada vez mais narcisista, a Igreja é chamada a testemunhar o amor de Deus, sendo o espaço onde se aprende a viver e a difundir a experiência da comunhão no Espírito, tornando-se os cristãos missionários da comunhão, no coração do mundo, geradores de relações sempre mais fraternas. Os frutos, dentre outros, da comunhão se traduzirão no aumento do número dos que crêem, conforme lemos sobre a primeira comunidade [...] (EMP, p.30).

Novos areópagos são apresentados em nossos dias, e os discípulos e missionários de Jesus Cristo devem semear os valores evangélicos. Os atuais areópagos a ser alcançados são: o mundo das comunicações, a construção da paz, o desenvolvimento e a libertação dos povos, neste caso podemos citar que é a minoria os que sofrem a promoção da mulher e das crianças que são os que mais sofrem com a desigualdade, e a ecologia, a natureza está sendo destruído com o mercado do lucro, fruto do individualismo e capitalismo (cf. DA, n. 491; DGAE, n. 36;17).



### 3.2.2 Diálogo com os Irmãos de outras Religiões

Com o crescimento da Igreja no decurso dos séculos o diálogo entre as religiões torna-se ainda mais urgente. Com os meios de transportes modernos coloca todos os grupos humanos em contato com os demais. O diálogo entre religiões se torna, para a Igreja, mais indispensável do que nunca.

A igreja por natureza é missionária, enviada por Deus a todas as gentes para ser “sacramento universal de Salvação” (AG, n. 1), e por íntima exigência o mandato de Jesus que é levar essa Boa Nova de vida eterna (cf. Mc 16,15).

*Na verdade, a missão tem por destinatários os homens que não conhecem Cristo e o seu Evangelho, e pertencem, na sua grande maioria, a outras religiões. Deus atrai a Si todos os povos, em Cristo, desejando comunicar-lhes a plenitude da sua revelação e do seu amor; Ele não deixa de Se tornar presente de tantos modos, quer aos indivíduos quer aos povos, através das suas riquezas espirituais, das quais a principal e essencial expressão são as religiões, mesmo se contêm também “lacunas, insuficiências e erros”. Tudo isto foi amplamente sublinhado pelo Concílio e pelo Magistério sucessivo, sem nunca deixar de afirmar que a salvação vem de Cristo, e o diálogo não dispensa a evangelização [...] (RM, n. 55).*

O diálogo nos impele ao encontro fraterno e respeitoso com os seguidores de religiões não-cristãs e a todas as pessoas empenhadas na busca da justiça, e na construção da fraternidade universal. Todas as pessoas estão em busca da paz, justiça e se encontram sobre a mesma realidade que afligem. O cristão hoje tem novos horizontes do serviço, do Senhorio de Jesus Cristo e a missão da Igreja como sacramento universal (cf. AG, n.1; 2).

O diálogo inter-religioso, em especial com as religiões monoteístas, fundamenta-se justamente na missão que Cristo nos confiou, solicitando a sábia articulação entre o anúncio e o diálogo como elementos constitutivos da evangelização. Com tal atitude, a Igreja, “sacramento universal de salvação”, reflete a luz de Cristo que “ilumina a todo homem” (Jo 1,9). A presença da Igreja entre as religiões não cristãs é feita de empenho, discernimento e testemunho, apoiados na fé, esperança e caridade teologais (DA, n.237).

O diálogo é a adesão do Espírito Santo que sopra onde quer, e age em cada homem e impele a Igreja a descobrir as “sementes do verbo” (AG, n. 15), e valores autênticos que se abrigam nas pessoas e nas religiões (cf. RM, n. 56).

O papa João Paulo II como sucessor dos apóstolos teve essa linda iniciativa de olhar para além das barreiras, e as diferenças e como autêntico discípulo e missionário de Jesus proclama a Boa Nova sem diminuir o irmão (de outra religião).

*Recentemente escrevi aos Bispos da Ásia: “mesmo reconhecendo a Igreja de bom grado o quanto há de verdadeiro e de santo nas tradições religiosas do Budismo, do Hinduismo e do Islão - reflexos daquela verdade que*

*ilumina todos os homens -, isso não diminui o seu dever e a sua determinação de proclamar sem hesitações Jesus Cristo que é “o Caminho a Verdade, e a Vida” (...) O fato de os crentes de outras religiões poderem receber a graça de Deus e serem salvos por Cristo independentemente dos meios normais por Ele estabelecidos, não suprime, de fato, o apelo à fé e ao batismo que Deus dirige a todos os povos”... (RM, n. 55).*

O discípulo deve testemunhar o Cristo aos não-cristãos, investindo no conhecimento das religiões e traçando programas pastorais inovados, e destacando-se na formação para corresponder dignamente no diálogo inter-religioso, e a partir do momento que “entendemos o outro”, é que conseguimos dialogar, “[...] o diálogo inter-religioso não significa que se deixe de anunciar a Boa Nova de Jesus aos povos não cristãos, mas com mansidão e respeito por suas convicções religiosas” (DA, n.238).

Todos os fiéis e comunidades cristãs são chamadas a praticar o diálogo, embora não seja no mesmo grau e forma. Para isso é indispensável o contributo dos leigos, que “ com o exemplo da sua vida e com a própria ação podem favorecer a melhoria das relações entre os crentes das diversas religiões” enquanto alguns deles poderão mesmo oferecer uma ajuda na pesquisa e no estudo. Sabendo que bastantes missionários e comunidades cristãs encontram, no caminho difícil e por vezes incompreendido do diálogo, a única maneira de prestar um sincero testemunho de Cristo e um generoso serviço ao homem, desejo encorajá-los a perseverar com fé e caridade, mesmo onde os seus esforços não encontrem acolhimento nem resposta. O diálogo é um caminho que conduz ao Reino e seguramente dará frutos, mesmo se os tempos e os momentos estão reservados ao Pai (cf. At 1, 7). (RM, n. 57).

### 3.2.3 Diálogo com Inter - Eclesial

Somos chamados a viver em comunhão, a exemplo do chamado de Jesus aos doze (cf. Lc 10,17-20). Este chamado ecoa hoje aos discípulos e missionários, que a partir de um encontro com Jesus na intimidade é indispensável a vida comunitária e a atividade missionária.

O mistério da Trindade é a fonte, e o modelo de comunhão e diálogo. O fiel é chamado a viver em comunhão com o Pai (I Jo 1,3) e com o filho, na “comunhão no Espírito Santo” (I Cor 13,13). Desta forma nós somos chamados e reunidos como um povo que se reuni na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O maior exemplo de diálogo que podemos ter é o da Santíssima Trindade. A comunhão dos fiéis e das Igrejas locais do povo de Deus se sustenta na comunhão com a Trindade.

Ao receber a fé e o batismo, os cristãos acolhem a ação do Espírito Santo que leva a confessar Jesus como Filho de Deus e a chamar Deus “Abba”. Todos os batizados e batizadas da América Latina e do Caribe, “através do sacerdócio comum do povo de Deus”, somos chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade, pois “a evangelização é um chamado à participação da comunhão trinitária (DA, n.157).

O chamado ao discipulado é “co-vocação” à comunhão em sua Igreja, de forma que não há discipulado sem comunhão. Esta comunhão é uma resposta as novas formas de buscas espirituais individuais. A fé em Jesus Cristo nos chegou através das comunidades eclesiais, e elas nos colocam na dimensão de corpo, formado assim por vários membros, somos uma família universal. Assim pertencemos a uma comunidade concreta na qual podemos viver uma excelente experiência de vida missionária e de diálogo que é a comunhão com os bispos no sentido de Igreja local, e com o Papa no sentido de Igreja universal.

*A comunhão da Igreja se nutre com o Pão da Palavra de Deus e com o Pão do Corpo de Cristo. A Eucaristia, participação de todos no mesmo Pão de Vida e no mesmo Cálice de Salvação, nos faz membros do mesmo Corpo (cf. I Cor 10,17). Ela é a fonte e o ponto mais alto da vida cristã, sua expressão mais perfeita e o alimento da vida em comunhão. [...] A Igreja que a celebra é “casa e escola de comunhão”, onde os discípulos compartilham a mesma fé, esperança e amor a serviço da missão evangelizadora (DA, n. 158).*

Por conseguinte, a Igreja é comunidade de amor, por reflexo do amor de Deus, e atrai as pessoas a si. A Igreja vive antecipadamente o amor que se realizará nos finais dos tempos, que é uma perfeita comunhão entre Deus e os homens.

A diversidade de carismas, ministérios e serviços, abre o horizonte para o exercício contínuo da comunhão através da qual os dons do Espírito Santo são colocados à disposição dos demais para que circule a caridade (cf. I Cor 12,4-12). De fato, cada batizado é portador de dons que deve desenvolver em unidade e complementaridade com os dons dos outros, a fim de formar o único Corpo de Cristo, entregue para a vida do mundo. [...] cada comunidade é chamada a descobrir e integrar os elementos escondidos e silenciosos que o Espírito presenteia aos fiéis (DA, n.162).

Cada Igreja particular, unida em si própria e na comunhão da Igreja: una, santa, católica e apostólica, é enviada em nome de Cristo e pelo poder do Espírito para levar o Evangelho do Reino a um número sempre crescente de pessoas proporcionando – lhes esta comunhão com Deus.

Pela sua unidade, esta família testemunha dessa comunhão com Deus. É nesta missão da Igreja que se realiza a oração de Jesus, a pedir “para que todos sejam um, ó Pai, para que sejam um em nós, como tu és em mim e eu em ti, para que o mundo creia que tu me enviaste” ( Jo 17, 21).

Entende-se que uma diocese é uma “porção do povo de Deus, que se confia aos cuidados pastorais de um bispo [...] e reunida por ele no Espírito Santo por meio do Evangelho e da Eucaristia” (CD, n. 11). A experiência de fé é sempre vivida em Igreja particular. Deus não quis Salvar-nos isoladamente, mas formando um povo. Assim pode se dizer que a diocese é um lugar privilegiado da comunhão, e do diálogo. Atraída e alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, a Igreja existe e se manifesta em cada Igreja particular.

A Igreja particular é totalmente Igreja, mas não é toda a Igreja. É a realização concreta do mistério da Igreja Universal em determinado tempo e lugar. Para isso, ela deve estar em comunhão com as outras Igrejas particulares e sob o pastoreio supremo do Papa, Bispo de Roma, que preside a todas as Igrejas.

A Diocese, em todas as suas comunidades e estruturas, é chamada a ser “comunidade missionária”. Cada Diocese necessita fortalecer sua consciência missionária, saindo ao encontro dos que ainda não crêem em Cristo no espaço de seu próprio território e responder adequadamente aos grandes problemas da sociedade na qual está inserida [...] (DA, nn.166.168).

O belo de nossa Igreja é que há essa comunhão e diálogo, não temos varias Igrejas, e sim realidades particulares que na sua soma, é a Igreja sob o pastoreio do Papa. Mas quem impulsiona é o Espírito Santo de Deus. A unidade é essencial à Igreja, e representa também um enorme desafio ao nosso mundo cada vez mais desunido, retalhado por egoísmo.

As várias formas de diálogo incitam com eficácia as relações fraternas, entre dioceses e as paróquias e provocam maior colaboração entre as Igrejas irmãs.

Os bispos, além do serviço à comunhão que prestam em suas Igrejas particulares, exercem este ofício junto com as outras Igrejas diocesanas. Desse modo, realizam e manifestam o vínculo de comunhão que se une entre si. Esta experiência de comunhão episcopal, sobretudo com Cristo vivo, presente nos irmãos que estão reunidos em seu nome. Para crescer nessa fraternidade e na co-responsabilidade pastoral, os bispos devem cultivar a espiritualidade da comunhão, a fim de acrescentar os vínculos de colegialidade que os une aos demais bispos de sua própria conferência, e também a todo Colégio Episcopal e à Igreja de Roma, presidida pelo sucessor de Pedro [...] (DA, n. 181).

A Diocese por sua vez é o lugar de destaque da comunhão- diálogo e missão. Dessa maneira o Episcopo deve instigar e guiar uma atração pastoral, de maneira que a diversidade de carismas, ministros e serviços se orientem no mesmo projeto missionário para comunicar e levar a vida na sua própria região.

*um projeto só é eficiente se cada comunidade cristã, cada paróquia, cada comunidade educativa, cada comunidade de vida consagrada, cada associação ou movimento e cada pequena comunidade se inserem ativamente na pastoral orgânica de cada Diocese. Cada uma é chamada a evangelizar de modo harmônico e integrado no projeto pastoral da Diocese (DA, n.169b).*

As paróquias prevalecem entre as comunidades eclesiais, pois é o lugar onde a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta com o Cristo, e a comunhão que se desdobra no diálogo inter- eclesial. Elas as paróquias são chamadas a se unirem na unidade, e serão domicílios e educandários de comunhão.

Todos os membros paroquiais têm essa responsabilidade pela evangelização de todos os homens de todos os lugares. Esse impulso missionário se origina assim como sucedeu em pentecostes (cf. At 2,1-13).

*Toda paróquia é chamada a ser espaço onde se recebe e se acolhe a Palavra, onde se celebra e se expressa na adoração do Corpo de Cristo, e assim é a fonte dinâmica do discipulado missionário. Sua própria renovação exige que se deixe iluminar de novo e sempre pela Palavra viva e eficaz.*

*Seguindo o exemplo da primeira comunidade cristã ( cf. At 2,46-47), a comunidade paroquial se reúne para partir o pão da Palavra e da Eucaristia e perseverar na catequese, na vida sacramental e na prática da caridade [...] (DA, nn.172.175).*

A paróquia é o instrumento de comunhão e diálogo com a Diocese, devem chegar a concretizar sinais solidários, seu compromisso com toda as manifestações da caridade. Deparamos-nos com uma realidade marcada por relativismo e perda de sentido pelo pecado, que gera o esquecimento da necessidade do sacramento da reconciliação pois ele proporciona se aproximar da Eucaristia, então somos chamados a incentivar a confissão. E esse privilegio nos é dado pela estrutura paroquial que em comunhão com toda a Igreja nos conduz a Cristo ressuscitado.

*A renovação das paróquias no início do terceiro milênio exige a formulação de suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articular conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão. A partir da paróquia, é necessário anunciar o que Jesus Cristo “fez e ensinou” (At 1,1) enquanto esteve entre nós [...] (DA, n.172).*

As comunidades eclesiais de base e pequenas comunidades têm contribuído positivamente para levar os cristãos ao compromisso da fé, as pequenas comunidades, principalmente as comunidades eclesiais de base esta favorecendo o conhecimento da Palavra de Deus, e a fazer uma leitura da realidade social a partir do Evangelho, são chamados novos horizontes de serviço e diálogo. A referência maior de toda a fé eclesial é a Palavra de Deus, a prática e missão de Jesus e a confiança e esperança na força carismática do Espírito Santo. É deste elemento que se desenvolve o eixo do Anúncio, a proclamação da Boa-Notícia, colocando o Evangelho na vida e a vida no Evangelho. Desse confronto mútuo nasce a dimensão da libertação de toda injustiça e a fome e sede de participação e comunhão na sociedade e na Igreja.

Há uma comunhão entre todos os fiéis (koinonía) porque todos, pela fé e pelo sacramento, participam da natureza divina do Pai, do Filho e do Espírito Santo; do corpo e do sangue do Senhor. Essa comunhão está na raiz da comunidade como aquele grupo de pessoas que se encontram por causa da mensagem da fé, que nos revela a comunhão de Deus conosco e de todos os fiéis com Deus.

*Esta Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis que, unidas a seus pastores, são também elas, no Novo Testamento, chamadas "Igrejas"... Nelas os fiéis são reunidos pela pregação do Evangelho de Cristo, nelas se celebra o mistério da*

Ceia do Senhor... Nessas comunidades, embora muitas vezes pequenas e pobres, ou vivendo na dispersão, está presente Cristo, por cuja virtude se constitui a Igreja una, santa, católica e apostólica (CIC, n.832).

Desta forma, o eixo da Colegialidade proporciona aos cristãos, que atuam na comunidade, se atenderem mutuamente, fazendo com que a responsabilidade seja sempre co-responsabilidade no campo do anúncio, da organização e da celebração

## 4 . AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICA DO DISCIPULO MISSIONÁRIO DE JESUS CRISTO

O homem é uma criatura de Deus como as demais criaturas, no sentido participante da mesma existência Criatural, mas, pelo sopro do próprio Deus, é elevada a ser imagem de Deus. Torna-se uma criatura aberta ao Espírito ou ainda mais profundamente como encontramos em São João “Palavra que se faz carne” (Jo 1,14). A criatura humana, ou melhor, o homem é Palavra que se faz Carne! Como imagem de Deus o homem é representante e administrador do Criador junto às demais criaturas, o cultivador do jardim em parceria com os céus, cós potências celestes que vêm de Deus, que trazem a palavra e o espírito à terra. A vocação e a responsabilidade humana portam a marca do Divino sobre a terra. Texto dos resultados.

Então Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastem sobre a terra." Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher. Deus os abençoou: "Frutificai, disse ele, e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra." Deus disse: "Eis que eu vos dou toda a erva que dá semente sobre a terra, e todas as árvores frutíferas que contêm em si mesmas a sua semente, para que vos sirvam de alimento. E a todos os animais da terra, a todas as aves dos céus, a tudo o que se arrasta sobre a terra, e em que haja sopro de vida, eu dou toda erva verde por alimento." E assim se fez. Deus contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o sexto dia (Gn 1,26-31).

Ser Imagem de Deus é ser imagem da Trindade, que é exemplo e fonte de comunhão e de doação de si, desta forma ser imagem e “semelhança de Deus” (cf. Gn 1,26). Assim o termo Semelhança implica uma similaridade física, como entre Adão e seu filho (cf. Gn 5,3). Essa relação com Deus separa o homem dos demais. E supõe uma semelhança geral de natureza (não implica dizer da mesma natureza). Mas por outro lado o homem seria imagem de Deus pó que recebeu dele o poder sobre os outros seres vivos.

A dignidade da pessoa humana se fundamenta em sua criação à imagem e semelhança de Deus; realiza-se em sua vocação à bem-aventurança divina. Cabe ao ser humano a livre iniciativa de sua realização. Por seus atos deliberados, a pessoa humana se conforma ou não ao bem prometido por Deus e atestado por sua consciência moral. As pessoas humanas se edificam e crescem interiormente: fazem de toda sua vida sensível e espiritual matéria de crescimento. Com a ajuda da graça, crescem na

virtude, evitam o pecado e, se o tiverem cometido, voltam como o filho pródigo, para a misericórdia de nosso Pai do Céus. Chegam, assim, à perfeição da caridade (CIC, n. 1700).

O ser humano faz experiência, de que a vida e a felicidade em plenitude superam as possibilidades simplesmente humanas. E seu desejo de vida e alegria total expressa a sede de Deus que existe no coração do homem. “É vossa face, senhor, que eu procuro” (cf. Sl 12). Mesmo depois do pecado, Deus não abandona o ser humano, como Pai e Pastor a procura e lhe promete o dom da Salvação. Leva o homem a encontrar-se consigo mesmo e o revela a sua dignidade sagrada, e a sua divina vocação, o chamado para a vida plena. Deste modo o homem começa a despertar para missionariedade, percebendo a sacralidade de sua vida e o amor de Deus sobre ele, começa a querer que outros também sintam e tomem consciência da mesma graça que experimento:

Novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação. Em Cristo, "imagem do (Deus invisível)"(Cl 1,15), foi o homem criado à "imagem e semelhança"do Criador. Em Cristo, redentor e salvador, a imagem divina, deformada no homem pelo primeiro pecado, foi restaurada em sua beleza original e enobrecida pela graça de Deus (CIC, n.1701).

“Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (I Jo4,16). A imagem de Deus na fé cristã é de um Deus de amor, por conseqüência a imagem do homem e de seu caminho também deve ser de amor. Quando temos um encontro com o senhor nos deparamos com um amor perfeito, que cura, alimenta, e liberta, seja qual for a prisão que nos encontramos: espiritual, social, política etc.

*Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom. Certamente, o homem pode — como nos diz o Senhor — tornar-se uma fonte donde correm rios de água viva (cf. Jo 7, 37-38); mas, para se tornar semelhante fonte, deve ele mesmo beber incessantemente da fonte primeira e originária que é Jesus Cristo, de cujo coração trespassado brota o amor de Deus (cf. Jo 19, 34). [...] (Deus é amor, paulus, 2006, n.7).*

O amor é primeiro dom e contém em si os demais, e este amor vem de “Deus que derramou em nossos corações pelo Espírito que nos foi doado” (Rm 5,5). “Na criação do mundo e dos homens, Deus colocou o primeiro e universal testemunho de seu amor Todo-Poderoso e de sua sabedoria, o primeiro anúncio de seu desígnio benevolente, o qual encontra sua meta na nova criação em Cristo (CIC, n.315). Da mesma forma este amor se desdobra, a própria vida da Santíssima Trindade, que é amor “como Ele nos amou” (cf. I Jo 4,11-12). É este amor que é o princípio da vida nova em Cristo pelo poder e força doada pelo Espírito” (At 2,8).



Tomado por uma consciência madura que é criado como fruto do amor de Deus o homem passa assim a testemunhar tal amor e, não obstante consciente do chamado de para a sua vida.

Se vê a caridade, vê a Trindade — escrevia Santo Agostinho. Ao longo das reflexões anteriores, pudemos fixar o nosso olhar no Trespastado (cf. Jo 19, 37; Zc 12, 10), reconhecendo o desígnio do Pai que, movido pelo amor (cf. Jo 3, 16), enviou o Filho unigênito ao mundo para redimir o homem. Quando morreu na cruz, Jesus — como indica o evangelista — “entregou o Espírito” (cf. Jo 19, 30), prelúdio daquele dom do Espírito Santo que Ele havia de realizar depois da ressurreição (cf. Jo 20, 22). [...] o Espírito é aquela força interior que harmoniza seus corações com o coração de Cristo e leva-os a amar os irmãos como Ele os amou, quando Se inclinou para lavar os pés dos discípulos (cf. Jo 13, 1-13) e, sobretudo quando deu a sua vida por todos (cf. Jo 13, 1; 15, 13). [...] Toda a atividade da Igreja é manifestação dum amor que procura o bem integral do homem: procura a sua evangelização por meio da Palavra e dos Sacramentos, empreendimento este muitas vezes heróico nas suas realizações históricas; e procura a sua promoção nos vários âmbitos da vida e da atividade humana (Deus é amor, paulus, 2006, n.19).

A missão da Igreja é levar todos ao encontro com Jesus. Esse encontro, como mostra o episódio da “Samaritana” (cf. Jo 4,7-10), de “Zaqueu” (cf. Lc 19,2-8), leva a uma revisão de vida e à conversão. Encontrar-se com Jesus é a fonte do discipulado e da missão. O evangelho mostra que para ser discípulo de Jesus é fruto de uma vocação. É ele quem chama. A resposta só é possível através da ação da graça: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai não o atrair”(Jo 6,44). A resposta é algo muito profundo: consiste em encontrar-se com Jesus e acolhê-lo em nossa vida. Isso muda o rumo da vida de cada cristão. A acolhida de Jesus em nossa vida implica também em viver de acordo com os seus ensinamentos. Pois Jesus é também mestre.

Jesus reúne discípulos não para servi-lo, mas os prepará para a missão. A finalidade do discipulado é a missão. Por isso, a Igreja é uma comunidade de comunhão com Cristo, em vista da missão. A dimensão comunitária e a missionária são as características principais da Igreja. A partir dela, podemos compreender a importância da Eucaristia. É nela que a Igreja expressa a sua identidade e nela cresce. Como mostra o “episódio de Emaús” (cf. Lc 24, 13-35), a missão tem a sua fonte principal no encontro com o Cristo vivo presente na Eucaristia. Ela alimenta a missão: “Eu estarei convosco todos os dias até o final dos tempos” (Mt 28,20). Jesus pronunciou essas palavras, ao enviar os apóstolos em missão. A Eucaristia é também o objetivo da missão: levar a todos ao encontro com o Cristo vivo para que se tornem seus discípulos e missionários.

Todos na Igreja são chamados a serem discípulos e missionários. É necessário formar-nos e formar todo o povo de Deus. Temos que preparar os membros de nossas comunidades, a favor de todos os batizados.

*Olhamos para Jesus, o Mestre que formou pessoalmente a seus apóstolos e discípulos. Cristo nos dá o método: Venham e vejam” (Jo 1, 39). “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Com Ele podemos desenvolver as potencialidades que há nas pessoas e formar discípulos missionários. Com perseverante paciência e sabedoria, Jesus convidou todos para o seguissem. Àqueles que aceitaram segui-lo, os introduziu no mistério do Reino de Deus, e depois de sua morte e ressurreição os enviou a pregar a Boa Nova na força do Espírito. [...] (DA, n.275).*

O primeiro convite que Jesus nos faz e ser discípulo com Ele, para colocar os seus passos sobre as suas pegadas e formar parte da sua comunidade. Ele chama cada um de nós pelo próprio nome, conhecendo profundamente a nossa historia (cf. Jo 10,3) para conviver com Ele e enviar-nos a continuar a sua missão (cf. Mc 3,14- 15).

O discípulo nasce pelo fascínio do encontro com Cristo e se desenvolve pela força da atração que permanece na experiência de comunhão dos discípulos de Jesus. “A Igreja cresce, não por proselitismo, mas ‘por atração: como Cristo atrai tudo para si com a força de seu amor’. A Igreja atrai quando vive em comunhão, pois os discípulos de Jesus serão reconhecidos se amarem uns aos outros como ele nos amou (cf. Rm 12,4-13; Jo 13,34)” (DGAE, n.89).

O discípulo missionário que é criado a imagem de Deus que é amor, é chamado a testemunhar tal grandeza, assim sendo preparado passa por um processo que possui cinco aspectos distintos mais se completam.

itemize

O encontro com Jesus Cristo, através do querigma, fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo e “deve renovar-se constantemente pelo testemunho pessoal, pelo anúncio do querigma e pela ação missionária da comunidade”;

a conversão, resposta inicial de quem crê em Jesus Cristo e busca segui-lo conscientemente;

o discipulado como amadurecimento constante no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre, quando também se aprofunda o mistério de sua pessoa, de seu exemplo e de sua doutrina, graças à catequese permanente e à vida sacramental;

a comunhão, pois “não pode existir vida cristã fora da comunidade: nas famílias, nas paróquias, nas comunidades de vida consagrada, nas comunidades de base, nas outras pequenas comunidades e movimentos”, tal como acontecia entre os primeiros cristãos; a comunhão na fé, na esperança e no amor deve estender-se também aos irmãos e irmãs de outras tradições cristãs;

a missão, que nasce do impulso de compartilhar a própria experiência de salvação com outros, de plenitude e de alegria feita com Jesus Cristo; a missão deve acompanhar todo o processo, embora diversamente, conforme a própria vocação e o grau de amadurecimento humano e cristão de cada um, tendo Maria como modelo perfeito do discípulo missionário (DGAE, n.92).

A preparação, ou seja, a formação do discípulo missionário deve estar atenta a dimensões diversas: humanas e comunitárias, que tratam do desenvolvimento das personalidades que amadureçam em contato com a realidade e também abertas ao Mistério. Assim possuindo habilidade de viver como cristão em um mundo pluralista de forma equilibrada.

A dimensão espiritual, por meio dos carismas, a pessoa se fundamenta no caminho da vida e do serviço proposto por Cristo, com estilo pessoal. Na dimensão intelectual se manifesta uma reflexão séria, colocada no cotidiano através do estado, que por meio da fé, abre a inteligência para a verdade. A dimensão pastoral e missionária, um verdadeiro caminho cristão abastecido de alegria e esperança o coração, leva o cristão a anunciar Cristo de forma integral na própria vida e ambiente (cf. DA, n. 280).

Aquele que é chamado a “ensinar o Cristo” deve, portanto, procurar primeiro “este ganho supereminente que é o conhecimento de Cristo”; é preciso “aceitar perder tudo... a fim de ganhar a Cristo e ser achado nele”, e “conhecer o poder de sua Ressurreição e a participação em seus sofrimentos, conformando-me com ele em sua Morte, para ver se alcanço a ressurreição de entre os mortos” (Fl 3,8-11). É deste conhecimento amoroso de Cristo que jorra o desejo de anunciá-lo, de “evangelizar” e de levar outros ao “sim” da fé em Jesus Cristo. Mas ao mesmo tempo se faz sentir a necessidade de conhecer cada vez melhor esta fé. Para este fim, segundo a ordem do Símbolo da fé, primeiro serão apresentados os principais títulos de Jesus: Cristo, o Filho de Deus, o Senhor. Em seguida, o Símbolo confessa os principais Mistérios da vida de Cristo: os de sua Encarnação, os de sua Páscoa e, finalmente, os de sua Glorificação (CIC, nn.428-429).

Para iniciar o itinerário de formação do discípulo, por vezes se faz mister um novo anúncio em vista de uma experiência viva de Jesus, como Senhor e Salvador, doador do Espírito; o crescimento nesta fé se faz mediante a catequese e os sacramentos da iniciação introduzindo o fiel na comunidade eclesial.

A iniciação Cristã, que inclui o querigma, é a maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e introduzi-lo no discipulado. Dá-nos, também, a oportunidade de fortalecer a unidade dos três sacramentos da Iniciação, e aprofundar o seu rico sentido. A iniciação cristã, propriamente falando, refere-se à primeira iniciação nos critérios da fé, seja na forma do catecumenato pós-batizmal para os batizados não suficientemente catequizados. [...] (DA, n. 288).

É de suma importância que em nossas comunidades opere um progressivo e constante processo de iniciação cristã, que terá como ementa o querigma, e Palavra de Deus, que conduza a uma experiência pessoal com Jesus, desta forma, seguindo a comunidade eclesial e a prática dos sacramentos, no serviço e da missão.

A tarefa primordial do discípulo é de assumir como seu projeto de vida o mesmo de Jesus: o Reino de Deus. Isso criara nele uma identidade e um conjunto de convicções

que o levara a olhar nos pobres e fracos, um sinal privilegiado do rosto de Jesus; na Igreja, o sacramento a serviço do Reino. E por assim dizer o Reino é ao mesmo tempo pessoal e social, histórico e escatológico, estrutural e espiritual.

Cada setor do povo de Deus pede que a pessoa seja acompanhada e formada de acordo com a peculiar vocação e ministério para o qual tenha sido chamada: o bispo é o princípio da unidade na diocese mediante o seu tríplice ministério de ensinar, santificar e governar; os presbíteros cooperam como ministério do bispo, no cuidado do povo de Deus que lhe foi confiado; os diáconos permanentes no serviço vivificante, humilde e perseverante como ajuda valiosa para os bispos e presbíteros; os consagrados e consagradas no seguimento radical do Mestre; os leigos e leigas cumprem sua responsabilidade evangelizadora colaborando na formação de comunidades cristãs e na construção do reino de Deus no mundo. Requer-se, portanto, capacitar aqueles que possam acompanhar espiritualmente e pastoralmente a outros (DA, n. 282).

Cada vocação tem seu próprio brilho e a formação da vida missionária deve ser específica para melhor acompanhamento dos discípulos. O bispo tem esse papel peculiar na unidade e seu ministério episcopal: de santificar, ensinar e governar. O presbítero é um cooperador do bispo, os diáconos são uma ajuda importante aos bispos e também aos presbíteros, da mesma forma temos os consagrados e consagradas e os leigos que tem também uma responsabilidade de evangelizar e de formar as comunidades cristãs, e a construção do Reino de Deus no mundo.

A formação dos diáconos e presbíteros exige uma atenção especial para que respondam aos desafios da realidade atual e contribuam para que toda a Igreja seja discípula missionária. Oriundos de uma cultura marcada pela fragmentação, pela preponderância do aspecto individual e pela dificuldade em relação a projetos comuns e a longo prazo, essas vocações demonstram que o Senhor Jesus, o Bom Pastor, continua a chamar ao seguimento, cumprindo sua promessa de estar com sua Igreja até o final dos tempos [...]. Reafirmamos a importância e mesmo a urgência de investir na formação específica dos leigos e leigas “para darem testemunho de Cristo e dos valores do Reino” no que diz respeito às grandes questões que afetam o povo brasileiro e, nesta época de globalização, o planeta como um todo [...] (DGAE, nn.95.98).

A família é o primeiro lugar de formação para os discípulos missionários. É o lugar onde aprendamos os valores primordiais da vida, os valores humanos, e a no tornar responsáveis é sementes de comunhão. Por tamanha responsabilidade a família deve ser assistida pela pastoral familiar, que disponibilizara espaços de formação, materiais catequéticos e momentos celebrativos que ajude nessa missão. “A família, pequena Igreja, deve ser, junto com a Paróquia, o primeiro lugar para a iniciação cristã das crianças” (DA, n.302). Com uma autêntica educação dos filhos se abre para o amor como dom de si mesmo e a vocação de serviço na vida leiga ou consagrada (cf. DA, n. 303).

As paróquias é o lugar comunitário de união fraterna que deve refletir a Santíssima Trindade. “As paróquias são células vivas da Igreja e lugares privilegiados em que a maioria dos fieis tem uma experiência concreta de Cristo e de sua Igreja” (DA, n. 304).

Ao acolher a pessoa de Jesus Cristo, pela fé, o cristão se une a ele e entra em comunhão com o Pai e o Espírito Santo. A comunhão com a Santíssima Trindade é o fundamento da comunhão de todos na Igreja, “sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus” e da missão no mundo. Portanto, “a vocação ao discipulado missionário é con-vocação à comunhão em sua Igreja (DGAE, n. 48).

Quando a família primeira cada de formação, não favorece um autentico amadurecimento, por meio das crises da vida familiar, a paróquia deve oferecer um espaço comunitário para o crescimento na fé de forma comunitária. Se queremos que as nossas paróquias sejam missionárias, então deve-se ter uma formação permanente, a todos os agentes de pastorais, e posteriormente a todos os outros. (cf. DA, n.306).

As pequenas comunidades eclesiais, são uma realidade que estar em constante crescimento, por meio de sua espiritualidade e metodologia de valorização do homem na sociedade, assim esses espaços eclesiais são favoráveis para a nova evangelização levando uma autentica vivencia de participação ao serviço do Reino que é tarefa de todo batizado.

São elas um ambiente propício para escutar a Palavra de Deus, para viver a fraternidade, para animar na oração, para aprofundar processos de formação na fé e para fortalecer o exigente compromisso de ser apóstolos na sociedade de hoje. São lugares de experiência cristã e evangelização que, em meio à situação cultural que nos afeta, secularizada e hostil à Igreja, se faz muito mais necessários ( DA, n.308).

Para que essas comunidades estejam sempre mais ativas no agir, temos que estar atentos as necessidades, e abrir os olhos a uma espiritualidade concreta, com bases na Palavra de Deus e manter a comunhão com a Igreja local, e principalmente com a paróquia para que essa seja comunidade de comunidades (cf. DA, n. 309).

No catolicismo contemporâneo existe um bom número elevado de fiéis que, como batizados e crismados, se dedicam muitas horas por semana ao trabalho pastoral ou à evangelização. Certamente tem influenciado nessa realidade a crescente [...] nos serviços e organismos de pastoral, nas CEBs, nas associações e nos movimentos eclesiais e novas comunidades (AGAE, n.44).

Portanto, é necessário que os discípulos missionários, tenham a oportunidade de levar um grande sentido a essa missão, como um vínculo de evangelização, para toda a pastoral de nossas comunidades paroquiais, e especialmente as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). O importante é ressaltar que todos nós tenhamos essa missão de evangelizar o próximo, cada vez mais através do anúncio do Evangelho a toda a criação.

Os movimentos eclesiais e novas comunidades “ São um dom do Espírito Santo para a Igreja” (DA, n. 311). Por meio do direito natural pelo batismo, enriquecem a diversidade suscitada pelo Espírito Santo. As novas comunidades são uma contribuição para as Igrejas particulares. Anima de forma carismática a ação evangelizadora da Igreja.

Os fiéis são chamados a exercer o apostolado individual nas diversas condições da sua vida. Lembrem-se, contudo, que o homem é, por natureza, social, e que aprouve ao Senhor unir um Povo de Deus (cfr. 1 Ped. 2, 5-10) e num corpo (cfr. 1 Cor. 12,12) os que crêem em Cristo. Portanto, o apostolado em associação responde com fidelidade à exigência humana e cristã dos fiéis e é, ao mesmo tempo, sinal da comunhão e da unidade da Igreja em Cristo que disse: “Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mt. 18,20). [...] (AA, n. 18).

A realidade que nos interpela esta carente de uma ação evangelizadora, a uma falta de missionários que por sua vez deve passar por uma experiência real com Jesus e essas novas formas de Igreja que surge hoje é a resposta para os dias atuais, como fruto do sopro do Espírito Santo (cf. DA, n.312).

Somos Criados a Imagem de Deus, como ato de amor, chamados a testemunhar tal amor, e preparados (formados) em um processo querigmático, que perpassa toda a nossa história. Essa formação se dá inicialmente na família conseqüentemente a paróquia e nos movimentos eclesiais e nas novas comunidades.

## 4.1 VIDA ORANTE: ESCUTA DA PALAVRA QUE CONDUZ AO MESTRE

A vida missionária em dias atuais como nas primeiras comunidades cristãs, tem a busca da Palavra e os ensinamentos dos apóstolos como condutores a Jesus (cf. At 2,42). “Cada comunidade, para ser cristã, deve fundar-se e viver em Cristo, Palavra de Deus” (RM, n. 51), que é caminho para santificação pessoal. A Palavra de Deus, que encontramos nas Sagradas Escrituras, é uma das fontes da fé e da missão: Sustenta a caminhada, inspira o encontro com Jesus Cristo, orienta e anima a prática da justiça e da solidariedade.

A nossa caminhada deve ser um constante dialogo com o Senhor, uma vida orante é pautada no dialogo com o Mestre. Pois assim como os discípulos de Emaús ao andarem com Jesus, sentiram seu coração arder ao Escutar a Escritura explicada por Jesus, nós hoje experimentamos a mesma graça com sua Palavra viva, que conduz a Eucaristia.

E começando por Moisés, percorrendo todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava dito em todas as Escrituras [...]. Aconteceu que, estando sentado conjuntamente à mesa, ele tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e serviu-lho. Então se lhes abriram os olhos e o reconheceram...

Mas ele desapareceu. Diziam então um para o outro: Não se nos abraçava o coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras? (Lc, 24,27-32).

A vida espiritual é estar consciente que após um encontro pessoal com Jesus, encontramos um tesouro, e desta forma O desejamos no mais profundo de nosso ser. Pois Ele é a razão de nossa existência e conseqüentemente de nossa missão. Podemos evidenciar essa autentica ação por meio da leitura orante (Lectio divina) da Escritura. A mesma evidencia o desejo de inúmeros personagens que assim como nós, fizeram essa experiência com Jesus: mestre, Messias e Senhor.

Entre as muitas formas de se aproximar da Sagrada Escritura existe uma privilegiada à qual todos estamos convidados: a Lectio divina ou exercício de leitura orante da Sagrada Escritura. Esta leitura orante, bem praticada, conduz ao encontro com Jesus-Mestre, ao conhecimento do mistério de Jesus-Messias, à comunhão com Jesus-Filho de Deus e ao testemunho de Jesus-Senhor do universo. Com seus quatro momentos (leitura, meditação, oração, contemplação), a leitura orante favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo semelhante ao modo de tantos personagens do evangelho: Nicodemos e sua ânsia de vida eterna (cf. Jo 3,1-21), a Samaritana e seu desejo de culto verdadeiro (cf. Jo 4,1-12), o cego de nascimento e seu desejo de luz interior (cf. Jo 9), Zaquê e sua vontade de ser diferente (cf. Lc 19,1-10)... Todos eles, graças a este encontro, foram iluminados e recriados porque se abriram à experiência da misericórdia do Pai que se oferece por sua Palavra de verdade e vida (DA, n. 249).

Ao firmar o nosso olhar sobre a palavra, é como estar diante do espelho, em suma na meditação ou contemplação da Palavra leva-nos ao encontro com Deus e consigo mesmo. A alma que se vê no espelho da Palavra começa a conhecer “como é”, começa a conhecer a si mesma, descobre sua deformidade da imagem de Deus e da imagem de Cristo. Trata-se de deixar-se perscrutar pela Escritura. A palavra de Deus, “penetra até o ponto de divisão da alma e do espírito, dos ligamentos e da medula e perscruta os sentimentos e os pensamentos do coração. Nenhuma criatura lhe é invisível. Tudo é nu e descoberto aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas” (Hb 4, 12-13). A oração é o melhor remédio para a mudança, e dentro da oração, podemos iniciar o momento da contemplação da Palavra que é repetir com o salmista: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me, e conhece minhas preocupações: Vê se não ando por um caminho fatal e conduz-me pelo caminho da vida” (Sl 139). Mas no espelho da Palavra, nós não vemos somente a nós mesmos; vemos o rosto de Deus; ou melhor, vemos o coração de Deus.

Por sua vontade é que nos gerou pela palavra da verdade, a fim de que sejamos como que as primícias das suas criaturas. Já o sabeis, meus diletíssimos irmãos: todo homem deve ser pronto para ouvir, porém tardo para falar e tardo para se irar; porque a ira do homem não cumpre a justiça de Deus. [...]Sede cumpridores da palavra e não apenas ouvintes;

isto equivaleria a vos enganardes a vós mesmos. Aquele que escuta a palavra sem a realizar assemelha-se a alguém que contempla num espelho a fisionomia que a natureza lhe deu: contempla-se e, mal sai dali, esquece-se de como era. Mas aquele que procura meditar com atenção a lei perfeita da liberdade e nela persevera - não como ouvinte que facilmente se esquece, mas como cumpridor fiel do preceito -, este será feliz no seu proceder (Tg 1, 18-25).

A Lectio Divina consiste, essencialmente, em rezar a Palavra, da qual ela depende como a água da fonte (cf. DV 7.10.21). É, portanto, a leitura crente e orante da Bíblia, baseada na Palavra de Jesus e no Seu Espírito: Tenho-vos dito isto, estando convosco, mas o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, Esse ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito (Jo 14,25-26; cf. 16,12).

Na contemplação da palavra temos um modelo dulcíssimo, Maria; ela conservava todas estas coisas (ao pé da letra: estas palavras) meditando-as no seu coração (Lc 2, 19). Nela a metáfora do livro engolido em Ezequiel que tornar-se o sustentar da alma e espelho (cf. Ez 2, 9 – 3, 3), tornou-se realidade física. A Palavra literalmente lhe há “preenchido”. A Palavra em Maria se faz Carne para habitar entre nós. Sendo Maria “Bendita entre as mulheres e bendito o seu ventre que é morada do verbo de Deus (cf. LC 1,42) O Magnificat (cf. Lc 1, 46-55) é espelho da alma de Maria. Neste poema conquista o seu cume, a espiritualidade dos pobres de Javé e o Profetismo da Antiga Aliança. É o cântico que anuncia o novo Evangelho de Cristo. É o prelúdio do Sermão da Montanha. Aí Maria se nos manifesta vazia de si própria e depositando toda sua confiança na misericórdia do Pai.

Herdeira da esperança dos justos de Israel e primeira dentre os discípulos de Jesus Cristo é Maria, Sua Mãe. Ela, com o Seu “Fiat” ao desígnio de amor de Deus (cf. Lc 1, 38), em nome de toda a humanidade, acolhe na história o enviado do Pai, o Salvador dos homens. No canto do “Magnificat” proclama o advento do Mistério da Salvação, a vinda do “Messias dos pobres” (CDSI, n.59).

A Lectio Divina consiste, essencialmente, em rezar a Palavra, da qual ela depende como a água da fonte (cf. DV 7.10.21). É, portanto, a leitura crente e orante da Bíblia, baseada na Palavra de Jesus e no Seu Espírito: Tenho-vos dito isto, estando convosco, mas o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, Esse ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito (Jo 14,25-26; cf. 16,12).

Na contemplação da palavra temos um modelo dulcíssimo, Maria; ela conservava todas estas coisas (ao pé da letra: estas palavras) meditando-as no seu coração (Lc 2, 19). Nela a metáfora do livro engolido em Ezequiel que tornar-se o sustentar da alma e espelho (cf. Ez 2, 9 – 3, 3), tornou-se realidade física. A Palavra literalmente lhe há “preenchido”. A Palavra em Maria se faz Carne para habitar entre nós. Sendo Maria “Bendita entre as mulheres e bendito o seu ventre que é morada do verbo de Deus (cf. LC 1,42) O



Magnificat (cf. Lc 1, 46-55) é espelho da alma de Maria. Neste poema conquista o seu cume, a espiritualidade dos pobres de Javé e o Profetismo da Antiga Aliança. É o cântico que anuncia o novo Evangelho de Cristo. É o prelúdio do Sermão da Montanha. Aí Maria se nos manifesta vazia de si própria e depositando toda sua confiança na misericórdia do Pai.

Como os Apóstolos depois da ascensão de Cristo, a Igreja deve reunir-se no Cenáculo “com Maria, a Mãe de Jesus” (At 1, 14), para implorar o Espírito e obter força e coragem para cumprir o mandato missionário. Também nós, bem mais do que os Apóstolos, temos necessidade de ser transformados e guiados pelo Espírito (RM, n. 92).

Portanto como os discípulos de Emaús, nossos corações devem ser mantidos sempre aquecidos (cf. Lc 24, 32). Na escuta orante da Palavra que nos leva ao encontro conosco e com Deus. A Palavra de Deus assegura ao discípulo missionário, e a toda alma que O deseja uma fundamental, e em si infalível, direção espiritual. Tornando assim por meio da meditação, inspiração e solução prática para os desafios. Como bem exprime no salmo: “Tua Palavra é lâmpada para meus pés, e luz para o meu caminho (Sl 119, 105).

## 4.2 PASTOREIO: ESPIRITUALIDADE EVANGELIZADORA

A evangelização é a missão própria da Igreja. Na história da Igreja é, fundamentalmente, a história de evangelização de um povo que vive em constante geração (DP, n.4). Essa evangelização é em primeiro lugar o testemunho da sua própria vida. O povo de Deus com todos os seus membros, instituições e planos existem para evangelizar. O dinamismo do Espírito de Pentecostes anima-o e envia-o a todos os povos. Por isso nossas Igrejas hão de escutar, com renovado entusiasmo, o mandato do Senhor: “Ide, pois, e fazei discípulos meus todos os povos” (Mt 28,19).

Como missão fundamental a evangelização é para a Igreja pauta, e tem cada vez mais conquistado uma clara consciência a esse respeito (cf. DP, n.85). Essa missão tem seu objetivo peculiar que é o homem “Salvação das almas”.

Desta forma o pastoreio é de grande importância, temos que esta consciente de nossa missão. Jesus dá aos discípulos a continuidade da missão; “... aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço e fará ainda maiores do que estas” (Jo 14,12). Os próprios discípulos para continuar a missão passaram três anos em contínuo treinamento. Em nenhum momento Jesus os deixou! O pastoreio nos garante a perseverança, todos nós precisamos ser acompanhados. E de pastoreados, passamos a ser pastor, pois devemos nos encontrar abertos: a mais alegria em dar do que receber. “Recebestes de graça, de graças daí” ( Mt 10,8).

A missão evangelizadora exige não só estruturas adequadas, mas também que os sujeitos sejam alimentados por uma espiritualidade missionária conforme a própria vocação, os dons, os carismas e os ministérios recebidos do Espírito para a realização do Reino. Técnicas e instrumentos são importantes, mas não substituem a ação do Espírito Santo, que faz arder o coração do seguidor de Jesus e o coloca no caminho dos irmãos para expressar sua experiência. Fazem parte da própria missão evangelizadora a alimentação interior que sustenta a eficácia de seu agir, a fidelidade ao Evangelho e a autenticidade do testemunho (DGAE, n. 100).

O primeiro traço da espiritualidade missionária é nunca esquecer que somos chamados para a missão. Quem nos chamou e enviou foi o próprio Deus: para o serviço do Reino. Impelidos pelo Espírito Santo, que arde os nossos corações para expressar tal experiência (cf. Lc 24, 32-36).

Nossa espiritualidade deve repetir a experiência de despojamento de João Batista “é preciso que Ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30). Ter uma intimidade com Deus, entregando-se a Deus com confiança, pois a confiança é que gera o amor. “ Comunhão íntima com Cristo: não é possível compreender e viver a missão se não vos referindo a Cristo, como aquele que foi enviado para evangelizar” (RM, n. 88). A confiança em Deus é muito importante, ninguém conhece realmente a Deus sem confiar no seu amor que é capaz de tudo. Porque Ele que a nossa salvação. Precisamente porque “enviado”, o missionário experimenta a presença reconfortante de Cristo, que o acompanha em todos os momentos de sua vida: “não tenhas medo (... ) porque Eu estou contigo” (At 18, 9-10), e espera-o no coração de cada homem (RM, n.88). Com a mesma confiança devemos ser alegres ao prestar o serviço ao Reino de Deus, podemos confiar essa alegria em varias passagens do Novo Testamento: Jesus convoca os seus para a missão “para que seja completa” a alegria de seus discípulos (cf. Jo 16,20; 17,13). Descobrir o Reino de Deus é a grande alegria (cf. Mt 13,44); a vida do apóstolo é alegria (cf. Fl 1,4); a vida cristã é permanente motivo de alegria (cf. Fl 4,4); o serviço deve ser prestado com alegria (cf. Rm 12,6-8; 2Cor 9,7).

Ter a espiritualidade do “Bom Pastor” (cf. Jo 10,1-17), amor a Igreja e aos homens como Jesus os amou. Valorizando cada um, “ com os fracos, fiz-me fraco (...) Fiz-me tudo para todos, para salvar alguns, a todo custo. Tudo faço pelo evangelho...” (I Cor 9,22-23).

“Para trazer à unidade os filhos de Deus que andavam dispersos” (Jo 11, 52), o Bom Pastor que conhece as suas ovelhas, procura-as e oferece a sua vida por elas (cf. Jo 10). Quem tem espírito missionário sente o ardor de Cristo pelas almas e ama a Igreja como Cristo a amou. O missionário é impelido pelo “zelo das almas” , que se inspira na própria caridade de Cristo, feita de atenção, ternura, compaixão, acolhimento, disponibilidade e empenhamento pelos problemas da gente. O amor de Jesus envolvia o mais fundo da pessoa (RM, n 89).

O discípulo missionário deve ter como característica fundamental a capacidade de amar, o homem da caridade, para desta forma ser capaz de anunciar esse amor ao irmão

que Deus o amo, e apto de se dar em serviço para o próximo. Esse mesmo amor é visível para a Igreja, a exemplo de Cristo que a amou até o fim (cf. Ef. 5,25), também Paulo transmitiu esse amor no “cuidado de todas as Igrejas” (II Cor 11,28).

A santidade necessita ser o selo, e característica do discípulo chamado a missão, “a santidade deve ser considerada um pressuposto fundamental e uma condição totalmente insubstituível para se realizar a missão de Salvação da Igreja” (RM, n.90). Não podemos anunciar a Boa Nova, sem ser uma nova criatura (cf. Jo 3, 3-5), pois a nossa vida deve ser o primeiro testemunho do que anunciamos. Mas essa vida nova é possível por meio da luz de Cristo, “com a luz de Cristo refletida no rosto da Igreja, iluminar todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a Criatura” (LG, n. 1). Pois entre os inúmeros desafios que encontramos, “é preciso suscitar um novo “ardor de santidade” entre os missionários e em toda a comunidade cristã” (RM, n. 90).

O anúncio é animado pela fé, que gera entusiasmo e ardor no missionário. Como ficou dito, os Atos dos Apóstolos definem uma tal atitude com a palavra *parresía*, que significa falar com coragem e desembaraço; o mesmo termo aparece em S. Paulo: “No nosso Deus, encontramos coragem para vos anunciar o Evangelho, no meio de muitos obstáculos” (1 Tes 2, 2). “Rezai também por mim, para que, quando abrir a boca, me seja dado anunciar corajosamente o Mistério do Evangelho, do qual, mesmo com as algemas, sou embaixador, e para que tenha a audácia de falar dele como convém” [...] (RM, n.45).

Como discípulos de Jesus, conhecemos que Ele é o primeiro e maior exemplo de evangelizador, enviado por Deus (cf. Lc 4,44) e, ao mesmo tempo, o Evangelho de Deus é a orientação e alimento básico de nossa caminhada. Entendemos e anunciamos “a boa nova de Jesus, Divino mestre, Filiação de Deus” (Mc 1,1). E da mesma forma como discípulos e missionários obedientes á voz do Pai queremos ouvir a Jesus (cf. Lc 9,35) porque Ele é o excepcional Mestre (cf. Mt 23,8). Como seus discípulos sabemos que suas palavras são Espírito e Vida (cf. Jo 6,63.68). Com júbilo da fé somos missionários para proclamar o Evangelho de Jesus Cristo e, com Ele, a boa nova da dignidade do homem, da vida, da família, do trabalho, da ciência e da solidariedade com a criação. (cf. DA, n. 103).

## 5 CONCLUSÃO

A missão e a natureza missionária da Igreja têm sua origem no amor de Deus Uno e Trino. Esse amor é fonte de toda vida missionária, e fio condutor da mesma. Esta relação de amor é configurada como economia de Salvação, conformada através da missão do Pai. O amor paterno estende-se através do seu Filho e do Espírito Santo as suas duas mãos a humanidade.

Portanto a missão de Deus tem seu desdobramento no seguimento gratuito da koinonia missionária, como as primeiras comunidades cristãs para a transformação do mundo rumo ao Reino. Essa comunidade encontra a sua identidade naquele que o Pai enviou, e que é servo, e se apresenta como pão, luz, ressurreição, bom pastor, porta, videira e caminho.

Assim Jesus caracteriza a sua missão e, conseqüentemente a missão da Igreja missionária como intervenção nas grandes questões do mundo. Tudo que sustenta a esperança num mundo em desespero é desdobramento da Boa - Nova sustentada pelo Espírito Santo.

Ao receber a fé e o batismo, os cristãos acolhem a ação do Espírito Santo que leva a confessar a Jesus como Filho de Deus e a chamar Deus “Abba”. Através do sacerdócio comum do Povo de Deus, somos chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade, pois a evangelização é um chamado à participação da comunhão trinitária.

A origem da missionariedade da Igreja esta na relação da comunhão Trinitária e por meio das missões do Filho e do Espírito Santo tornar-se visível esse amor como auto-revelação de Deus ao Homem. A Igreja por sua vez é perpetuadora e mensageira da missão do Filho e do Espírito Santo que é o protagonista de toda e qualquer missão. Por meio de nosso batismo somos incorporados e chamados a sermos testemunhas de tal graça.

Dentro do processo, onde temos um encontro pessoal com Jesus, encontramos o primeiro anuncio (kerigma) que como conseqüência leva a pessoa a querer partilhar essa experiência com outras pessoas. Assim a comunhão e fraternidade se lançam na forma de koinonia. A vida em comunidade (koinonia) nos remete ao serviço, ou seja, a diaconia que é esta a serviço dos mais necessitados assim como Jesus que é o Divino mestre.

Somos homens e mulheres do diálogo, temos que ser abertos a outras culturas, ser ousados como Paulo foi no areópago em Atenas, usando uma linguagem adequada para aquela realidade (cf. At 17, 22-31). Este processo dialogal se estende aos irmãos de outras religiões que possuem as “sementes do verbo” (AG, n. 15), e o Espírito Santo sopra onde quer. É de suma importância a comunhão não só fora de nossa Igreja, mais dentro dela, um diálogo inter-ecclesial a exemplo da koinonia trinitária. A Igreja católica é Sacramento de Salvação e nesta perspectiva estar aberta a comunhão na sua estrutura e fora dela.

Texto das conclusões.

O discípulo missionário de Jesus, é alguém que fez uma experiência como o amor trinitário, é imagem e semelhança e, é criado como ato de amor e gratuidade de Deus e da mesma forma chamado a ser missionário testemunhando tamanha graça em sua vida. E posteriormente é preparado por meio dos sacramentos e estudo da Palavra, e uma experiência viva diariamente com o ressuscitado. É um ser espiritual, chamado como todo cristão a santidade. Com uma vida em oração que por meio da leitura orante da Palavra de Deus está sempre com o mestre. Na comunhão íntima com Jesus é o homem da caridade e ama a Igreja como amor profundo.

O missionário é impelido pelo selo das almas, um verdadeiro pastoralista, como a espiritualidade de Jesus Bom Pastor, alguém que exala atenção, ternura, compaixão, acolhimento, disponibilidade e empenho pelos problemas dos outros. Assim, possamos nós, estar em oração com Maria Santíssima como no cenáculo que se reuniram os apóstolos e Maria Mãe de Jesus para implorar o Espírito Santo e obter forças e coragem para o mandato missionário (cf. At 1,14). Como Maria, devemos a cada dia nos esvaziar de nós mesmo para que como Maria dizer: “Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38).

ABBAGNANO, Nicola, Dicionário de filosofia. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BENTO XVI. Carta Encíclica, Deus é amor. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BIBLIA DE JERUSALÉM. 3 impr. São Paulo: Paulus, 2004.

BIBLIA SAGRADA. Edição Pastoral – Catequética 141ª. Ed. São Paulo: Ave - Maria, 2001.

BOFF, Leonardo. A trindade, a sociedade e a libertação. Petrópolis: Vozes, 1986.

A Trindade como história: ensaio sobre o Deus cristão. São Paulo: Paulinas, 1987.

BOSCH NAVARRO, Juan. Para compreender o ecumenismo São Paulo: Edições Loyola, 1995.

BRIGHENTI, Agenor. A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2006. ( Coleção livros básicos de teologia; 15).

CARLOS ORTIZ, Juan. Ser e fazer discípulos. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

CARTA ENCÍCLICA Redemptoris Missio. A validade permanente do mandato missionário. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

CARTA ENCICLICA SOBRE OS CAMINHOS DA IGREJA Ecclesiam Suam. São Paulo: Paulinas, 1965.

- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- CHENU, Bruno. Com a Igreja no coração: discípulos e profetas. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CNBB; Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas. São Paulo: Edições Paulinas, 1999.
- COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE PUEBLA. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1983.
- CRB – Viver e Anunciar a Palavra: As primeiras comunidades. São Paulo: ed. Loyola, 1995. (coleção Tua Palavra é vida n. 6). DECLARAÇÃO DO CONCÍLIO VATICANO II. Sobre a Igreja e as religiões não Cristãs Nostra Aetate. São Paulo: Edições Paulinas, 1966.
- DICIONÁRIO DE TEOLOGIA FUNDAMENTAL. Petrópolis, RJ: vozes: Aparecida, SP: Santuário, 1994.
- DICIONARIO PATRISTICO E DE ANTIGUIDADE CRISTA. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- DIRETÓRIO PARA A APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS E NORMAS SOBRE O ECUMENISMO. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2000.
- DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- DOCUMENTOS DA CNBB N°80. Evangelização e missão profética da Igreja. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
- DOCUMENTOS DA CNBB N°87. Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECOMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.
- ESTUDOS DA CNBB. Missão e ministérios dos leigos e leigas cristãos. São Paulo: Paulus, 1998.
- FORTE, Bruno. A essência do cristianismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- GALILEA, Segundo. As raízes da Espiritualidade Latino-Americana. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1984.
- GOEDERT, Valter Maurício. Diaconato permanente: perspectivas-pastorais. São Paulo: Paulus, 1995. (coleção Pastoral e comunicação).

- KLOPPENBURG, Boaventura. Minha Igreja. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000
- MARINS, José. Maria mulher libertadora. São Paulo: Paulinas, 1979.
- MENSAGEM PARA O DIA MUNDIAL DE 2000. São Paulo: Paulinas, 2000. Paulinas, 1987.
- PESCE, Mauro. As duas fases da pregação de Paulo. São Paulo: ed. Loyola, 1996.
- PRADO FLORES, José H. como evangelizar os batizados. 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Edições Louva-a-Deus, 1994.
- RICHARD, Pablo. A Igreja Latino-Americana entre o temor e a esperança. São Paulo: Edições Paulinas, 1982. SESBOÛÉ, Bernard. Não tenha medo! Os ministérios na Igreja de hoje. São Paulo: Paulus, 1998.
- SUESS, Paulo. Introdução à teologia da missão: Convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- TARVARD, George H. A Igreja, comunidade de Salvação: uma eclesiologia ecumênica. São Paulo: Paulinas, 1997.
- TAVARES, Sinivaldo S. Trindade e criação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (Coleção Iniciação à Teologia).
- TEOLOGIA SISTEMÁTICA, Perspectivas católica-romana, Vol. I; São Paulo: Paulus, 1997.
- WALDENFELS, Hans. Léxico das Religiões, Petrópolis, RJ : vozes, 1995.
- WOLFF, Elias. Caminhos do ecumenismo no Brasil: história, teologia, pastoral. São Paulo: Paulus, 2002. (coleção comunidade e missão).
- [s.n] Simpósio missionário define linhas-guia para missão [s.l]. Disponível em: < (<http://www.pom.org.br/aprofundando/simposio.html>). > Acesso em: 18 abr. 2010. 09:30:15.